

MARIA EULÁLIA GOMES FRAZÃO

MALVEIRA

UMA FREGUESIA DA ESTREMADURA PORTUGUESA

DISSERTAÇÃO
DE LICENCIATURA
EM GEOGRAFIA

LISBOA

1 9 6 6

Este livro foi entregue na
Junta de Freguesia, Infelizmente
Não Recordo o Nome da Pessoa que
Me o entregou

Famalheiro

*A Ilustre Junta da Freguesia
e a todos os Malveirenses
Homenagem da
Autora*

MARIA EULÁLIA GOMES FRAZÃO

MALVEIRA

UMA FREGUESIA DA ESTREMADURA PORTUGUESA

DISSERTAÇÃO
DE LICENCIATURA
EM GEOGRAFIA

LISBOA
1 9 6 6

PREFÁCIO

O motivo porque escolhi a Malveira como tema da minha dissertação de licenciatura, deve-se ao facto de a conhecer desde criança. Na realidade habituada a passar as férias numa pequena al-deia próxima, aqui acorria com frequência, sobretudo em dia de fei-ra.

Presentemente a Malveira é uma das mais ricas e formosas freguesias do concelho de Mafra; contudo durante muitos anos perma-neceu como simples lugar da freguesia de S. Miguel de Alcainça, tendo-se libertado desta situação de inferioridade apenas em 1923. O nome parece crer designar campo de malvas (Mal'veira) (1).

Quanto à sua origem pouco se sabe, pois os documentos comprovativos são escassos, no entanto julga-se remontar aos primeiros tempos da monarquia portuguesa, quando aqui existiu um casal deno-minado da "Costa da Malveira", pertença do padre Vicente Anes Froes, prior de Santa Maria de Cheleiros, ainda aparentado com os reis de Leão. (2)

Uma lenta mas profunda evolução sofreu esta terra, atra-vés dos séculos, sobretudo depois do início da feira semanal e do desenvolvimento operado nas comunicações. Estes foram sem dúvida os factores que mais contribuíram para o seu aspecto modernizado, em parte dado pelos muitos prédios novos e altos que por todos os la-

(1) - FREIRE, J. Paulo (1946). Mafra - Ligeiros apontamentos para o estudo toponímico do meu Concelho: Cheleiros, Encarnação, Ericeira, Malveira, Santo Isidoro.

(2) - VALDEZ, J. Ascensão. Ob. cit.

dos se erguem, conquanto lhe fizessem perder, a pouco e pouco, a feição rural, característica própria dum passado mais ou menos importante.

Ao empreender o estudo desta freguesia, imensas dificuldades se me depararam, sobretudo quando, habituada desde menina a circular pelo mercado, apreçando aqui, comprando acolá, pretendi conhecer mais de perto o seu movimento comercial.

Verifiquei que aquela multidão de comerciantes, muitos dos quais me eram já familiares e com quem há muito contraíra conhecimento, me passaram a olhar de soslaio, com certos laivos de inquietação e de pena, por pretender saber aquilo que eles achavam não estar próprio da minha conta.

A situação agravou-se ainda mais, ao tentar compreender o grande e misterioso mundo dos compradores de gado, aliás o fulcro desta importante reunião comercial e um dos meus primordiais objectivos. Nem sempre é fácil abordar certos assuntos relacionados com o negócio dos gados, quasi só efectuado por homens, os senhores das carteiras bem recheadas, que não se comovem facilmente com sorrisos e boas palavras.

Se não fora a ajuda prestimosa dos meus professores, das autoridades locais e concelhias, de alguns conhecidos que prontamente me auxiliaram e das exortações de alento dos amigos e familiares, não teria concluído este trabalho que há cerca de dois anos encetei.

Justo é referir também a multidão anónima da feira, cujo auxílio foi precioso, apesar da desconfiança inspirada e, ainda de todos os malveirenses, que nunca me recusaram qualquer informação, abrindo-me a porta das suas casas e facultando-me todos os esclarecimentos.

Aqui deixo a expressão da minha amizade e reconhecimento a todos que de algum modo tornaram possível a realização deste trbalho.

CAPÍTULO I

SITUAÇÃO

O lugar da Malveira pertence ao concelho de Mafra e é cabeça de freguesia desde 1923 (1).

Situa-se a vinte e três quilómetros de Lisboa, numa área bastante acidentada, essencialmente calcárea, onde afloram várias camadas basálticas, alguns filões dispersos de rocha básica muito alterada e, dois pequenos afloramentos traquíticos, nas proximida-des do lugar da Lage e do cabeço do Canas.

A povoação estende-se da vertente sul da serra do Forte de Santa Maria, para a estreita Varzea de Monte Leite e está envolvida por elevações que lhe fecham todos os horizontes.

A sul, fica o Funchal (425m), o monte mais elevado da região, onde emergem negros penedos basálticos de formas irregulares e em direcção NNE-SSW elevam-se bruscamente em cumeada: o Sêro (402m) de forma quase redonda e pendor suave, a serra dos Três Cabeços, constituída pelo da Eira Velha, do Meio e o do Pedroso (423m), que é dos três o mais elevado e ainda os cabeços do Canas ou da Costa (390m) e o de Monte Leite, em cujos flancos assentam dois casais conhecidos por estes nomes.

Relevos de certo vigor, modelados em calcários duros do Aptiano Albiano, cobertos por uma vegetação heterogênea de carrasco, tojos, lentiscos e ervas perfumadas, apresentam-se cortados por estreitos vales incisos, por onde correm pequenos riachos, afluentes do Lizandro. Este curso de água, quase sempre seco durante a estiagem, desliza no fundo da Varzea de Monte Leite e mistura as suas á

(1) - Foi elevada a freguesia a 28 de Maio de 1923, pelo Decreto -
-Lei nº 1427.

MAPA DA FREGUESIA DA MALVEIRA ESBOÇO GEOLÓGICO



guas com as da Ribeira Grande que se escoam mais a ocidente. Muitos são os regatos que sucam toda a região, resultando dessa abundância de vales uma série de interflúvios, aproveitados pelo homem.

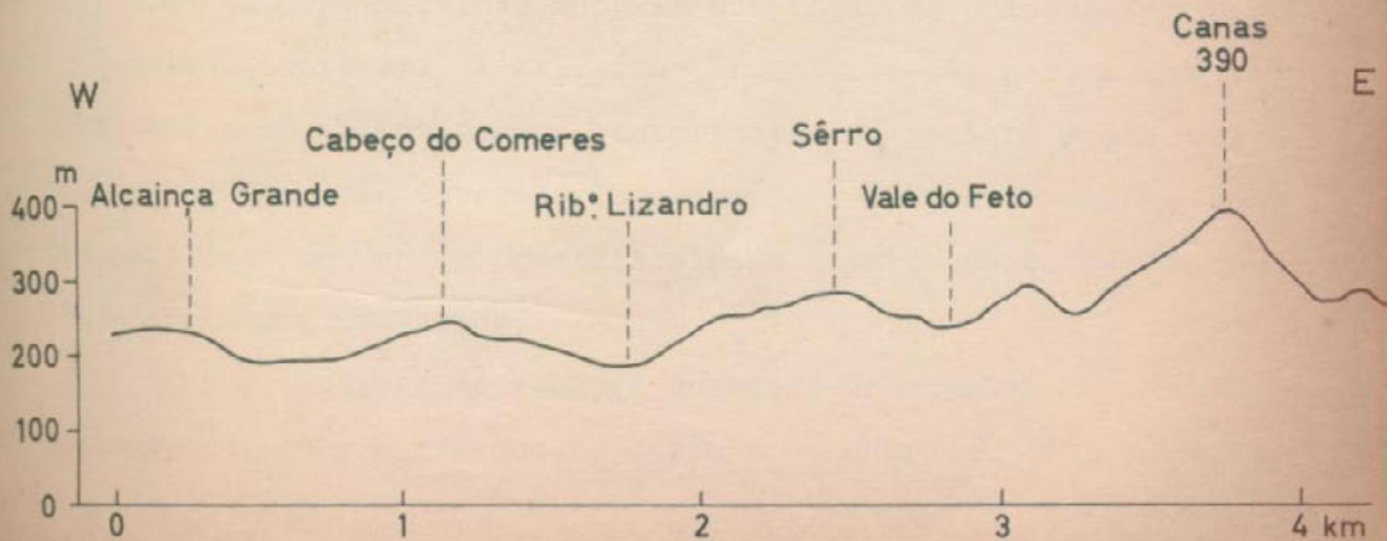
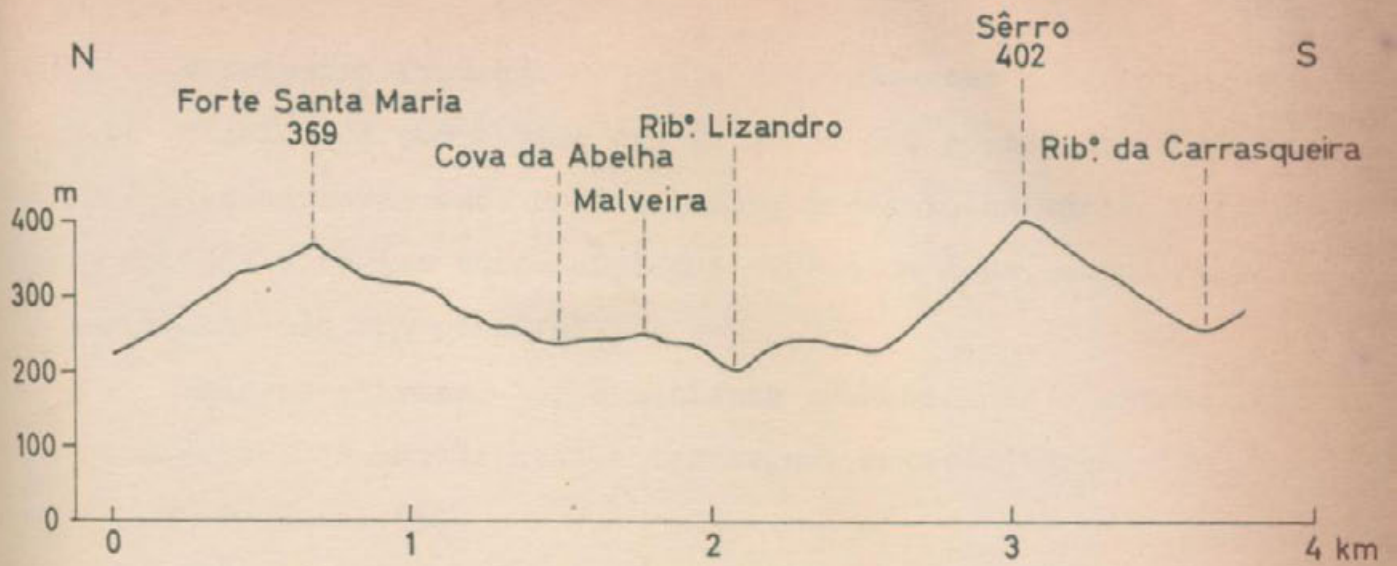
A norte, ergue-se o Matoutinho (356m) e o Monte do Forte de Santa Maria, que culmina no alto da Alagoa e para oeste estende-se a Serra da Malveira, onde predomina os calcários margosos e os grés do Hauteriviano e do Valanginiano. Esta serra está afastada do cabeço da Abrunheira (292m) pelo vale de Junqueiros, onde desliza um pequeno ribeiro. Mais para ocidente, este mesmo riacho atravessa alguns plainos de ondulações frouxas e cristas baixas, como os caiaços da Prata (265m) e do Casal da Pedra (337m) onde aflora basalto, e do Camouxo (289m), ocasionando pequenas depressões, cavadas nos barros basálticos que permitem a cultura do cereal. Estas elevações formadas por terrenos mesozóicos e algumas rochas eruptivas, são cortadas por uma importante falha de orientação NNE-SSW que atravessa a freguesia entre as povoações da Malveira e de Alcaínça.⁽¹⁾

Desta análise e dos perfis topográficos estabelecidos, constatamos a grande movimentação do relevo, sendo flagrante os contrastes entre as depressões e as terras altas envolventes.

As zonas baixas, rodeadas de acidentados cabeços, encontram-se apenas como vimos, nas margens dos ribeiros, cuja riqueza em águas ofereceu aos homens uma variada gama de recursos inexistentes na encosta. No vale, a abertura dum poço e a montagem dum picota eram tarefa fácil, facto que veio a reflectir-se na ocupação primitiva destes lugares por meio de quintas e casais, donde resultou o aparecimento de pequenas povoações: a Carrasqueira, o Casal Pedroso, a Abrunheira, o Casal da Pedra, a Quinta das Lages e Alcaínça Grande.

(1) - Notícia explicativa da folha 1, SINTRA, ob. cit. pág. 47.

PERFIS TOPOGRÁFICOS



ESCALAS { Horizontal 1: 25 000
Vertical 1: 10 000

A primeira fixação de gente nas vertentes cobertas por mato, está relacionada com a vida dos moinhos, que ponteando os cimos ventosos asseguravam a moagem dos grãos, enquanto na várzea dada a irregularidade e regime torrencial dos cursos da água, secos durante o Estio, tal não era possível.

Pode-se afirmar ter o ambiente condicionado o estabelecimento dos primeiros homens nestas terras, que se crêem terem sido habitadas por romanos. (1)

Povoação ou simples lugar de passagem, onde um caminho vicinal a ligaria a outras povoações romanas, as quais existiram indubitavelmente no concelho de Mafra?

Mais tarde a presença próxima duma importante estrada, mandada construir no reinado de D. João V, com destino à Porta Vermelha da Tapada de Mafra, bem como a curta distância que a separa de Lisboa terá contribuído para o desenvolvimento deste aglomerado.

Hoje a vida calma, apenas animada pelo movimento diário dos combóios e camionetas que a ligam à capital, transportando aqueles que trocaram a ocupação pouco remunerada e incerta do cultivo da terra pelos mais diversos empregos da cidade, é bruscamente interrompida pela chegada duma multidão anónima que todas as quintas-feiras a corre à feira. Neste dia a Malveira transforma-se, parece uma grande vila, tal o número de pessoas comprimidas no recinto e nas ruas do povoado. Vêm dos mais diversos lugares, para comprar e vender e conseguem modificar com a sua presença, o modo de vida desta gente, por natureza sossegada e retraída.

Com o decorrer do tempo, à custa do desenvolvimento das vias de comunicação, como o caminho de ferro e as estradas nacionais, Lis

(1) - VALDEZ, J. Ascensão, ob. cit.

boa-Porto e Mafra - Vila Franca de Xira, alargou-se o antigo sítio a que a feira semanal emprestou também certo relevo. Por outro lado, estes mesmos factores contribuíram para apagar progressivamente outros lugares, como Alcaínça Grande que foi durante largos anos o aglomerado preponderante da região.

Assim, enquanto na Malveira se multiplicava a construção de moradias e prédios de rendimento, Alcaínça permanecia envolvida na doçura da paisagem, à sombra da sua igreja dedicada ao orago de S. Miguel, perdendo aos poucos a antiga importância, pelo que se viu forçada posteriormente a abdicar dos seus direitos de freguesia.

Deste modo, se as condições naturais determinaram a ocupação destes lugares nos primeiros tempos, a situação geográfica se ficou a dever o substancial progresso desta terra, facilitando-lhe não só o desenvolvimento diferencial em relação aos outros lugares limítrofes, como o desempenho duma função urbana, que se faz sentir cada vez mais.

CAPÍTULO II

EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Ao tentarmos averiguar, como se processou o aparecimento do lugar da Malveira e a evolução sofrida através dos tempos, depa-
rámos com imensas dificuldades, sobretudo com a escassez dos ele-
mentos. Mas, cientes da importância de conhecer o passado, para mais
fácilmente compreender o presente, procurámos, na medida do possí-
vel, encontrar as raízes históricas da freguesia; comparando ao mes-
mo tempo a sua evolução com a dos lugares da Abrunheira e Carras-
queira, hoje de diminuta importância.

Sem contudo haver qualquer documento que autentifique, cremos não estar longe da razão ao afirmar que a instituição do Ca-
sal da Costa da Malveira (1), data dos primeiros tempos da monar-
quia portuguesa.

Se pretendermos avançar mais no passado, arriscamo-nos a
cair no mar de hipóteses um tanto duvidosas e somos levados a pen-
sar como alguns ilustres filhos desta terra, ter ela sido habitada
por romanos.

No concelho de Mafra, existiram sem dúvida, povoações do
tempo do império romano, tantos são os achados, nomeadamente, dois
cemitérios, um nos Casais de Lexim, outro dentro da própria vila de
Mafra no sítio das Carrilhas e ainda muitos vestígios dessa época
na pequena povoação de Odrinhas. Também, na freguesia da Malveira,
numa terra de lavradio denominada Portancho, foram encontradas du-
as sepulturas romanas e uma moeda de bronze do imperador Arcádio,

(1) - As limitações e os nomes empregados nas confrontações, cita-
das nos Tombos de 1499 e 1619, são ainda as que hoje se usam.

que veio por morte do seu pai, o imperador Teodósio I, em 395 a governar o império romano do ocidente (1).

A notícia mais antiga que encontrámos, referente a estes lugares, data de 25 de Março de 1321 (2) e fala-nos da "...taxa de setenta e cinco libras na igreja de S. Miguel de Alcaíça...", lançada sobre todas as rendas e eclesiásticos do reino, exceptuando -se as igrejas, comendas e benefícios pertencentes à ordem de S. João de Jerusalém, do Hospital ou de Malta, "...porque os professos d'ella se empregavam continuamente em militares exercícios contra os mesmos infiéis...".

Esta dízima cobrada no tempo de D. Dinis, foi concedida por bula do papa João XXII, em 23 de Maio de 1320 (3) e destinava-se a custear as despesas contraídas na guerra contra os mouros.

O primeiro testemunho que alude pròpriamente ao Casal da Malveira, data de 31 de Março de 1363, época em que por testamento do seu possuidor, padre Vicente Annes Froes, prior de Santa Maria de Cheleiros, o lega assim como outros bens à capela de S. Silvestre da igreja de S. Miguel de Alcaíça, a fim de dar cumprimento às suas disposições testamentárias (4).

Posteriormente, em 1499, durante o reinado de D. Manuel I, este monarca mandou fazer o tombo dos bens da capela, para acabar com os muitos abusos praticados pelos administradores dos haveres deixados pelo padre Annes Froes, encontrando-se descrito sob o nome de "Casal da Costa da Malveira. Verba do Tombo Velho"(5).

(1) - VALDEZ, J. Ascensão. ob. cit.

(2) - A.N.T.T. Inventário dos manuscritos da Colecção Pombalina, Códice nº. 179.

(3) - Idem

(4) - A.N.T.T. - Capelas da Coroa. Manus. cit. fols. 39v. a 43.

(5) - Idem. Os limites do dito Casal estendiam-se desde os cabeços de Monte Leite e da Costa até ao serro do Forte de Santa Maria, incluindo o local onde se veio a estabelecer a povoação da Malveira.

Mas, como os zeladores da capela de S. Silvestre, continuassem a aforar, sonegar e alhear os bens, não cumprindo os encargos e obrigações determinadas pelo instituidor, Filipe II, em 4 de Outubro de 1619, mandou fazer por provisão especial novo tombo, medindo e confrontando o Casal da Malveira, designado por "Verba do Tombo Novo" (1).

No século XVIII foi edificada a ermida de Nossa Senhora dos Remédios, a meia encosta do monte de Santa Maria, hoje quase no extremo da povoação, cujas obras foram inteiramente custeadas pelos moradores da Malveira. A licença para construir a capela foi concedida a 8 de Maio de 1723 por provisão do Patriarca de Lisboa (2).

Não se sabe em que ano se iniciaram as obras, nem quando se concluíram. Apenas encontramos no adro, a meio da calçada que conduz à ermida, um cruzeiro de pedra, em cujo remate da haste da cruz latina, tem gravado o ano de 1771. Verificámos também a existência, sobre a verga da porta de acesso à sacristia, uma outra data, por sinal invertida e muito gasta pelos anos que nos pareceu ser 1724. Tivemos dúvidas, quanto a esta data, pois o dois parecia-nos um oito, mas quando interrogámos os habitantes sobre a provável época da construção da ermida, concluimos só poder ser 1724. Pois todos foram unânimes em afirmar, existir a capela antes da construção do cruzeiro.

Sem possuímos quaisquer dados seguros sobre a edificação da igreja, não há dúvida que ela contribuiu para uma maior independência da população sujeita desde longa data, bem como a da Carrasqueira e Alcaíça Grande (3), à freguesia de S. Miguel de Al-

(1) - A.N.T.T., Capelas da Coroa, Livro I.

(2) - Idem.

(3) - COSTA, Carvalho da - Corografia Portuguesa. Tomo III, pág. 84.

caixa, onde se deslocavam para ouvir missa. Aos poucos foi-se tornando independente e mais tarde, a pretexto de dar maior solenidade à festa de Nossa Senhora dos Remédios e querendo aproveitar a afluência de povo que acorria, providenciaram os moradores da Malveira, no sentido de instituir uma feira livre de direitos onde se pudesse transaccionar. Tal privilégio foi obtido a 14 de Dezembro de 1782, por concessão da rainha D. Maria I.(1)

Esta feira de ano foi perdendo a importância e deixou de se realizar ainda não há trinta anos, devido ao desenvolvimento da feira semanal, que teve início no século passado. Contudo e para além dos condicionalismos geográficos a feira anual foi o fulcro das ideias mercantis, que bem cedo se apoderaram da alma desta gente, na sua maioria comerciantes.

Ainda no século XVIII, D. João V mandou construir uma estrada, calçada, entre Santo António do Tojal e a vila de Mafra, com passagem pela Malveira (2), no intuito de dar serventia às obras do majestoso convento, pois por ela se fazia o transporte dos materiais e dos sinos para os carrilhões (3).

A própria feira, a existência dessa antiga estrada e outras mais recentes, o caminho de ferro, a aproximação de Lisboa e os seus bons ares, determinaram o aparecimento do veraneio e deram ensejo ao desenvolvimento da povoação. Assim adquiriu uma posição de supremacia sobre os outros lugares limítrofes, pelo que recentemente foi elevada a sede de freguesia.

(1) - VALDEZ, J. Ascensão - ob. cit. pág.43.

(2) - Idem, pág. 32. (O autor afirma existir "...no Campo da Feira um lanço..." dessa calçada, "...cuja largura é de 5,80 a 6 metros..." hoje totalmente destruída).

(3) - OLIVEIRA, Freire de - Elementos para a História do Município de Lisboa, vol. XV, pág.34.

Entretanto, as outras povoações da freguesia de S. Miguel de Alcainça que não usufruíram nenhuma destas vantagens estagnaram . Tal facto verificou-se com a Carrasqueira, localizada no cimo do ca beço do mesmo nome, a meio encosta do Sêrro, próximo da Quinta das Pegas que é hoje um pequeno lugarejo da freguesia da Malveira e on de vivem cerca de quarenta pessoas.

Trata-se dum antigo casal, conhecido pelo da Ponte (1) que juntamente com o da Costa, pertenceu ao padre Annes Froes e foi mais tarde legado também à capela de S. Silvestre. Posteriormente, apa rece descrito nos tomos dos bens do reino, o que nos permite con cluir tratar-se nesse tempo de lugar de similar importância.

Actualmente, a Abrunheira é da mesma forma um diminuto lugar, situado entre o cabeço do Casal da Pedra e a serra da Malveira, mui to próximo do muro da tapada de Mafra. Tem apenas sete moradores , num total de vinte e três pessoas, as quais vivem da agricultura e da criação do gado bovino leiteiro. Os animais ou pastam livremen te pelas encostas ou acompanham os homens, ajudando-os a lavrar na época da sementeiras, as pequenas nexas de terreno cultivado que sobressaem na solidão agreste das montanhas envolventes.

Os campos são dos próprios casaleiros. ou de renda, em ge ral paga aos herdeiros de um senhor, a quem pertenceu a maior par te dos terrenos de cultura.

A população deste modesto lugar, vive profundamente iso lada, sobretudo no inverno, quando os ribeiros transbordam, tornan do as comunicações mais difíceis, senão impossíveis. Contudo, ape sar de habituados a não ver na sua terra outros rostos que não se jam os dos vizinhos, é gente acolhedora e amiga, constituindo moti vo de controvérsia e alegre cavaqueira a chegada de estranhos.

(1) - VALDEZ, J. Ascensão - ob. cit. pág. 50 a 52.

Abordados não se esquivam às perguntas, respondendo lentamente, por vezes com um certo laivo de satisfação. por se saberem úteis, apesar do isolamento a que foram votados. Abrem-nos as portas dos seus modestos lares, os corações, recebem-nos como amigos, contam-nos as alegrias e as desditas. Gente rude mas boa, que vive feliz no meio da natureza que os cerca, não obstante pouco possuírem, pois uma pobre casa e umas simples leiras constituem toda a sua fortuna.

Afastados dos outros lugares cedo se habituaram a estar sós e hoje apenas os entristece não terem um bom caminho, que lhes permitisse comunicar facilmente com as outras localidades. Bem mais felizes foram os seus antepassados, a quem não faltava um certo grau de nobreza (1), porque se serviam da estrada real construída no tempo de D. João V e que ainda atravessa a meio a povoação. Já tínhamos reparado nela, pois embora muito danificada, constitui o único meio de ligação com o diminuto lugar da Abrunheira. Este caminho possuía valetas, era coberto de grandes lajes, algumas das quais ainda existem e tinha uma largura superior a seis metros; mas como a construção da nova estrada, Malveira-Mafra seguiu outro traçado bem mais sinuoso, ~~ele~~ perdeu a sua antiga importância.

A entrada do povoado, deparámos com um enorme chafariz antigo, num local onde a estrada ultrapassa os oito metros e meio de largo e um pouco mais acima uma porta de pedra não muito velha, restos duma cavalariça, onde as parelhas reais que se dirigiam ao convento de Mafra, pernoitavam, saciando a fome e a sede.

Perante este rápido confronto, verifica-se ter sido a Malveira no início, tal como os lugares da Carrasqueira e da Abrunheira

(1) - Segundo as informações que colhemos junto dos moradores, esta terra foi habitada pelos fidalgos da Abrunheira, senhores de avultados bens.

ra, um pequeno casal perdido entre as serranias, a quem um destino mais ditoso guindou a uma posição de destaque que ostenta com desvelado brio, procurando acompanhar o progresso da época em que vivemos.

Muito há a esperar dos malveirenses que se não poupam a esforços para promover o aumento da sua terra e se não ~~fora~~ as restrições impostas pelo concelho, alertado com o seu crescente desenvolvimento, em breve assumiria posição de chefia, como sede concelho.

CAPÍTULO III

A POPULAÇÃO

1) Evolução

Após a análise da paisagem, para melhor a compreender e interpretar torna-se necessário recorrer ao elemento humano, em parte responsável pelas profundas alterações que aquela sofreu.

Efectivamente o estudo da evolução demográfica dum lugar como este, reveste-se de grande importância, porque o crescimento a pesar de lento sofreu apreciável acréscimo nos últimos sessenta anos, transformando a paisagem num tipo suburbano.

Começou-se a dar a certa altura um afluxo populacional, mas para podermos ter idéia do desenvolvimento operado, socorremo-nos das referências numéricas. Todavia o seu estudo não é fácil e acarreta problemas de solução nem sempre viáveis, como os já encontrados para a origem.

Elevada a sede de freguesia em 1923, permaneceu até esta data como simples lugar da freguesia de S. Miguel de Alcainça, pelo que a não encontramos referida nem em numeramentos nem nos censos mais antigos, com excepção dos de 1911, 1940 e 1960, que nos dão a população das freguesias por lugares.

A primeira referência ao número de moradores do então lugar da Malveira, vem impressa no já citado livro de ASCENSÃO VALDEZ, que num cálculo aproximado lhe atribui em 1897 uma população de 400 indivíduos, discordando dos 80 fogos, indicados no Dicionário Geográfico de Portugal (1), pois segundo palavras suas "...é de crer tenha mais...".

(1) - Ob. cit., tomo II, pág.297.

Só volvidos catorze anos, obtemos novos dados relativos à população deste lugar, no senso de 1911, cuja análise nos dá preciosas indicações, em especial no que respeita à distribuição das pessoas, de acordo com importância das povoações.

Com base nos dados retrospectivos publicados no X Recenseamento Geral da População (1), obtivemos para a freguesia os valores impressos no Quadro nº.1.

QUADRO Nº.1

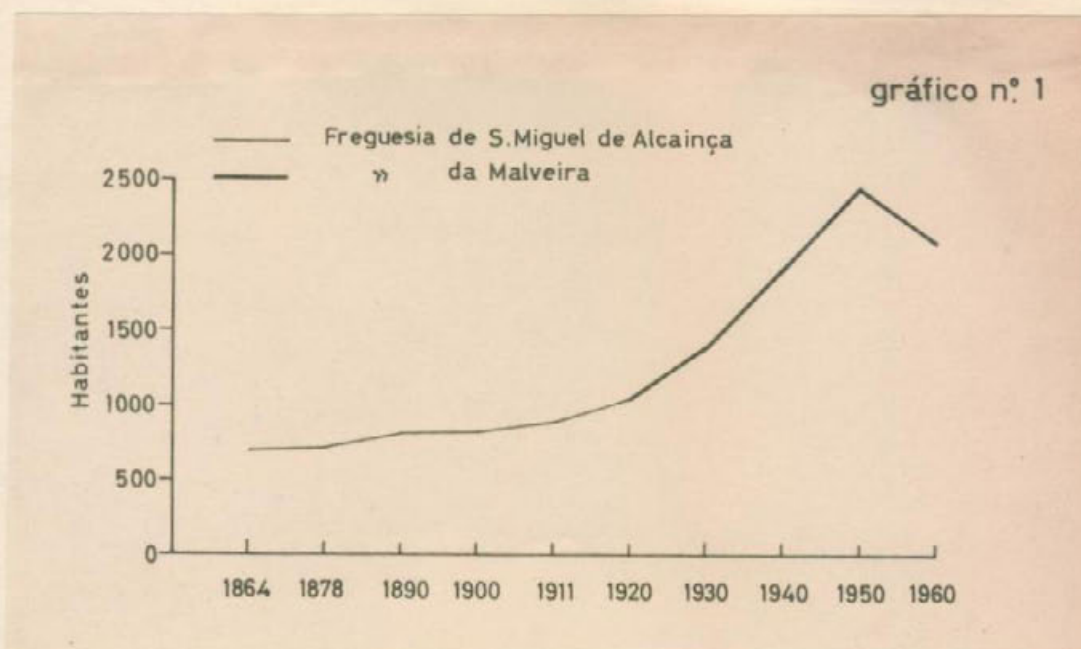
ANOS	POPULAÇÃO
1864	697
1878	713
1890	797
1900	800
1911	922
1920	1042 (2)
1930	1397 (3)
1940	1917
1950	2443
1960	2097

(1) - Ob. cit., tomo I, vol. I.

(2) - Valores para a Freguesia de S. Miguel de Alcainça que incluía o lugar da Malveira.

(3) - Idem para a Freguesia da Malveira.

Útil e necessário nos pareceu fazer a análise destes dados, pelo que construímos o Gráfico nº.1.



A curva desenhada apresenta-nos três sectores distintos, mostrando bem as transformações sofridas pelo aglomerado da Malveira através dos tempos.

Assim, entre 1864 e 1911, registou-se um aumento pouco sensível da população. Depois a sua evolução é mais rápida, pois acusa já a influência do desenvolvimento das comunicações e da realização da feira semanal. Deste modo a curva populacional apresenta um substancial aumento que se faz sentir sem qualquer quebra até 1950. Nos últimos anos nota-se um decréscimo e uma tendência para agravar-se devido à corrente migratória, com destino de início para Lisboa e mais recentemente canalizada para o estrangeiro em especial para a Alemanha.

Achámos ainda de interesse transcrever os valores da população distribuída por lugares, os quais nos permitem também tirar conclusões quanto ao desenvolvimento da Malveira, que já era em

1911 a mais importante, apresentando 30,3 p.100 dos habitantes da freguesia de S. Miguel de Alcaíça.

QUADRO Nº.2

LUGARES	FOGOS				POPULAÇÃO			
	1893	1911	1940	1960	1893	1911	1940	1960
Total da Freguesia da Malveira	—	207	462	1104	—	922	1917	2097
Alcaíça Grande	—	43	40	74	—	169	135	143
Campo da Feira	—	31	—	—	—	146	—	—
Carrasqueira	—	12	14	39	—	54	55	39
Casal da Abrunheira	—	5	7	8	—	31	25	23
Casal do Moinho	—	3	—	11	—	18	—	30
Casal da Pedra	—	3	—	—	—	17	—	—
Estação da Malveira	—	9	—	—	—	55	—	—
Lage	—	12	9	—	—	43	32	—
Malveira	80(1)	72	359	927	—	280	1561	1817
Venda do Valador	—	12	9	—	—	43	32	—
Outros lugares isolados	—	5	12	24	—	27	40	—

Variadas causas, entre as quais salientamos como já ficou expresso, a feira semanal, a facilidade de transportes e o veraneio, fizeram deste aglomerado um núcleo populacional de 481 pessoas (2), enquanto que a sede da freguesia tinha na mesma época pouco mais de um terço deste valor.

Em 1940, com 81,4 p.100 do total da população é já freguesia autónoma. Este aumento contribuiu em parte para o declínio de

(1) - Dicionário Geográfico de Portugal, ob. cit. tomo II, pág.287.

(2) - Incluímos neste número os valores dos lugares da Estação da Malveira e do Campo da Feira englobados na povoação da Malveira.

algumas povoações, entre as quais a de Alçainça Grande, que vê diminuir o prestígio usufruído durante tantos anos.

Deparámos com o desaparecimento de alguns povoados, revelando o crescimento de outros que os anexaram nos seus limites. Estão nestas condições os lugares da Estação e Campo da Feira que progredindo na encosta tomaram o nome genérico de Malveira, pelo que não os encontramos referenciados no senso de 1940, apesar de localmente ainda se fazer a distinção. Facto idêntico veio a verificar-se posteriormente com o lugar das Lages, aglotinado pelo de Alçainça Grande.

Há ainda outros lugarejos que deixaram de ser referidos por terem perdido a importância, como sucedeu ao Casal da Pedra, aumentando deste modo o número de lugares isolados e dispersos.

Além disso, quase todos os povoados que existiam em 1911, com excepção da Malveira, sofreram uma nítida diminuição no espaço de quarenta e nove anos. Este facto pode-se observar no Quadro nº2 e fez-se sentir sobretudo na última década, porque a população sente o desejo, cada dia mais acentuado, de abandonar os campos que pouco ou nenhum lucro lhe dão, procurando encontrar na saída para o estrangeiro, o único meio de solucionar os seus graves problemas monetários. Muitas famílias nos falaram com saudades dos familiares ou dos parentes mais afastados que longe das suas casas em terras distantes, buscam uma vida mais desafogada.

Apesar do número elevado de emigrantes o lugar da Malveira registou em 1960, 86,1 p.100 do total da população, portanto um aumento embora pequeno em relação à de 1940. Isto fica-se a dever em parte ao incremento material operado aqui ultimamente, em virtude do crescente interesse daqueles que escolhem esta terra para habitarem, onde mercê da sua feira semanal, é fácil obter o necessá-

rio à vida quotidiana a preços mais acessíveis, e doutros que procuram na tranquilidade e solidão dos relevos circundantes, o retempore das forças perdidas.

2) Hábitos da população

Os habitantes da Malveira consideram-se saloios, apesar de ser muito discutível a verdadeira demarcação da terra saloia(1).

De espírito reservado e preso à tradição não deixou contudo de se transformar, em virtude das variadas influências que sobre ele se têm exercido.

Ao fazendeiro das cercanias da capital, aos poucos desaparecido, dava-se vulgarmente o nome de saloio. Acorria com frequência à cidade, de galera sua ou por conta de outrém, levando-lhe os produtos e o colorido da inconfundível indumentária. O hábito perdeu-se com o progresso dos transportes, sobretudo da camionagem que mediante pagamento, se encarrega do frete, compensando, apesar do dispêndio, as horas perdidas na viagem.

Com o tempo também deixaram de fazer a pé as grandes distâncias, percorridas em geral no dia da feira e sempre acompanhados do burro, aparelhado com a albarda mourisca de arção em meia lua.

Este animal, amigo inseparável dos bons e maus momentos, é ainda hoje preferido nas pequenas deslocções a qualquer outro meio de condução. Para este fim é sobretudo muito utilizado pelos casaleiros limítrofes da Malveira, prestando-lhes também outros

(1) - FREIRE, Paulo - ob. cit. pág. 60. Considera terra saloia todo o conjunto dos actuais "...concelhos de Loures, Sintra, Mafra e Torres Vedras, um pouco os concelhos de Ceiras e Cascais...".

serviços, como puxar à nora, sempre que têm necessidade de regar a horta, ou carregar cestos e sacos cheios de produtos da terra.

O saloio, por causa da vida difícil que leva e dos magros rendimentos usufruídos, tornou-se dum modo geral um indivíduo taciturno, cuja faceta alegre mostra unicamente em acontecimentos festivos, mais pela acção do vinho do que por temperamento. E, porque guarda nos seus hábitos as recordações dos antepassados, não passa o Natal sem o bolinho doce, fabricado com farinha, leite, limão e canela; no Entrudo, são as "filhoses" e na Páscoa, o arroz doce, sempre à mistura com o vinho ou a água-pé. Nas festas e romarias não falta o tradicional bailarico, e é nessa altura que o saloio sempre retraído, encontra a melhor ocasião para iniciar o seu namoro.

A alimentação predominantemente vegetariana, tem como base o pão, pois aparece nas três ou quatro refeições diárias, consoante as épocas do ano. Pela manhã, antes de pegar ao trabalho, para quebrar o jejum e avivar os ânimos, um copo de aguardente ou vinho branco constitui o conhecido "mata-bicho". Pelas nove horas solares, as mulheres ou as crianças que ainda não vão à escola, levam o almoço ao campo. É a primeira refeição substancial, com a duração aproximada de meia hora, constando em regra de batatas cozidas com peixe ou bacalhau, ou só pão e peixe e raramente sopa, sempre acompanhada de vinho.

Ao meio dia solar serve-se no local do trabalho o jantar, já com sopa de feijão ou grão, com couve e massa e o "conduto" (1) com pão e vinho. Desde o primeiro de Abril até fins de Setembro, seguem-se ao jantar duas horas de sesta. Nesta época, às cinco horas da tarde há uma refeição mais ligeira, a merenda que

(1) - Em geral um bocado de peixe ou carne.

consta em geral de pão com qualquer coisa e sempre vinho em abundância.

A noite, após o regresso a casa pelas sete, oito horas ou mais tarde, nos dias longos de Estio, a família reúne-se para saborear a ceia, cuja ementa é sensivelmente idêntica à do jantar. Terminado o repasto, enquanto a mulher arruma a loiça, comenta-se algum facto ocorrido durante o dia e em seguida todos vão para a cama, pois há que levantar cedo na manhã seguinte.

Um dos hábitos mais genuínos da população era o vestuário, que aos poucos caiu em desuso e há muito deixou de ser o traje mais usado localmente. Hoje, dentro da Malveira só se vislumbra no dia da feira, pois aqui acorre muito povo vindo das mais diversas localidades. Apesar das alterações sofridas, esta indumentária é ainda a que mais se vê entre os habitantes dos lugares isolados, como tivemos ocasião de o apreciar, ao percorrermos a freguesia, nas acolhedoras povoações da Abrunheira e da Carrasqueira e num ou noutro casalinho, perdido nos vales abrigados pelas serranias cobertas de matos, como no Casal da Pedra, Quinta das Lages, ou entre a gente mais idosa que labuta no fértil vale do Lizandro.

Apresentava-se o saloio geralmente de barrete, de camisa de riscado, colete, cinta, jaqueta e calça terminada em boca de sino, quase sempre feita de tecido grosseiro ou simples cotim de tom escuro e na mão o não menos tradicional varapau.

O uso do barrete, perdeu com o ~~rodar~~ rodar dos anos, os antigos significados em relação às posições que tomava na cabeça. Poucos se lembram já que a borla deveria cair para o lado esquerdo, para o direito ou para trás, consoante o seu estado civil. O colete e a jaqueta são peças que só raramente vestem, e a cinta, apesar de ainda em voga, vai caindo em desuso.

Há no entanto uma velha tradição, mais arreigada no espírito desta gente simples, que nos foi referida várias vezes. O saloio, indivíduo por temperamento desconfiado, é acolhedor e ordeiro, mas de temer se apresenta o pau ao alto e barrete enfiado na cabeça, pois prepara-se para dizer mal. Quando pelo contrário, com uma das mãos finca o varapau no solo e com a outra segura o barrete, é porque nos aceita e apesar da desconfiança que sempre lhe causam os estranhos, conversa pausadamente, fornecendo-nos pormenores da sua vida de homem sempre dobrado sobre a terra, enchendo de admiração espíritos como os nossos, pouco habituados às coisas simples da natureza.

As mulheres de saia curta, bem rodada e avental, calçam sapatos ou botins de borracha, os substitutos da antiga bota de cano curto e completam o vestuário com os lenços multicolores, presos por cima da cabeça.

São elas que cuidam da casa e da família, que preparam as refeições e tratam dos animais. Uma vez por outras vão ao campo apanhar alimento para o gado ou ajudar os maridos nas fainas mais ligeiras, sobretudo na época em que o trabalho rural aperta.

A saloia serve-se da água do poço, retirada com a picota, quase sempre muito perto da casa, mas se este acaso fica mais longe aproveita para trazer na volta além do precioso líquido, um pouco de erva e um braçado de lenha para o lume. A tarefa predilecta é a lavagem da roupa, feita no rio ou nos tanques construídos para esse fim, de conversa com as outras mulheres e cantarolando a canção mais em voga.

Ao domingo para quebrar um pouco a rotina, veste o fato melhor e sai com a família a dar uma volta pelo lugar, ou vai até à aldeia mais próxima, se ali se realiza algum ~~capricho~~ ou bailariço.

O aumento do número de indivíduos que vindos das proximidades ou de terras afastadas aqui se fixaram, contribuiu para o desaparecimento de muitos ~~destes~~ hábitos, permitindo ao mesmo tempo a aquisição de outros mais urbanos.

A população rural procura outros misteres, em parte devido à crise da lavoura, pois os exíguos lucros usufruidos não comportam as despesas e as rendas a pagar, forçando o homem do campo a deixar a terra e a procurar outras ocupações, o que modifica não só o modo de viver como os seus costumes.

Regra geral os mais novos partem em busca duma vida que os livre da rotina do trabalho, nem sempre certo de sol a sol. As construções, os prazeres que vão encontrar na cidade e as menos horas de serviço, exercem sobre eles uma atracção especial. Assim logo que alguém sabedor dos seus sonhos, lhes arranja alguma coisa, ou descobrem uma vaga, ei-los deixando o campo para jamais af voltar a trabalhar definitivamente.

De vez em quando vêm à terra matar saudades, mas se o em prego permite, voltam todos os dias pela tardinha. Utilizam nessas andanças ou o combóio, movimentando logo pela manhã a ampla estação do caminho de ferro, ou as camionetas e os seus próprios meios, em geral veículos motorizados.

Esta gente que viveu ou descende dos que viveram presos à terra, moderniza-se, tem outras aspirações, alterando a fisionomia primitiva destes lugares, onde outrora se fazia uma vida exclusivamente campestre.

Surgiram então várias necessidades, como a electrificação da freguesia, cujo fornecimento de energia eléctrica ficou assegurado em Dezembro de 1935.

Este melhoramento beneficiou sobretudo os novos núcleos

populacionais, que logo a introduziram, enquanto o homem do campo continuava obstinadamente a utilizar o candeeiro de petróleo, não só porque o custo da montagem acarretava um dispêndio muitas vezes superiores às suas fracas posses, mas porque habituado a deitar-se cedo, pouca ou nenhuma utilidade usufruía da electricidade que apenas usa como meio de iluminação.

Mais tarde, em 1950, procedeu-se à canalização da água, para abastecimento da povoação sede da freguesia, empreendimento levado a cabo, apesar das enormes dificuldades provocadas pela falta de água, que se faz sentir sobretudo durante a estiagem e ainda hoje não totalmente removidas.

No ano transacto, excessivamente seco, a falta de água provocou graves dificuldades e durante dias e dias as torneiras mantiveram-se secas. Alertadas as autoridades, a Câmara de Mafra providenciou no sentido de facultar o fornecimento de água, por meio de cisternas tanques, que duas ou três vezes por semana para aqui transportava o líquido vindo da Fonte do Cabo, próximo à Ericeira.

Apesar de tudo o abastecimento não era completo e houve necessidade de recorrer ao antigo costume de ir buscar água aos pozos ou às fontes, em especial à dos "Trigueirões", a qual goza de grande fama, por se tratar dum líquido com características terapêuticas.

Além desta, existe no lugar da Malveira de Cima, uma fonte pública, para a qual se aproveitou uma boa nascente e onde há pouco se colocaram duas torneiras de água canalizada. Este chafariz bastante antigo, foi mandado fazer pela Câmara e pelo povo em 1836. No extremo deste lugar, num terreno de piçarra (1), existe também

(1) - Arenito de grão fino e compacto.

uma pequena nascente de boa e fresca água; é a chamada "Fontainha". No caminho da Malveira para a Carrasqueira, ao lado da linha férrea, há ainda uma outra de água férrica e no Campo da Feira, existiu uma fonte de mergulho denominada das "Seixas".

A população sedenta, teve de acorrer às poucas fontes que aqui existem e cujas nascentes enfraquecidas, acusavam também a prolongada seca. Algumas há muito votadas ao abandono, encontravam-se em péssimas condições higiénicas de fornecimento de água, aos que lhes acorriam na ânsia de alcançar o desejado líquido.

Pela manhã ou à tardinha, ouvia-se o ruído provocado pelo bater dos cântaros e das vasilhas, juntamente com os das vozes indistintas das mulheres. Estas esperavam pela vez conversando animadamente, mas se alguma alterava a ordem por antecipação, surgia a zaragata ou a azeda troca de palavras. Em poucos instantes vinha a lume os segredos guardados durante anos e anos, reafirmando o velho ditado, "zangam-se as comadres descobrem-se as verdades".

Para suprir dificuldades futuras, as autoridades locais e concelhias procuraram promover um fornecimento suficiente e regular de água à freguesia. Para este fim e de acordo com as entidades de Torres Vedras, iniciaram-se já as obras de abastecimento, procedendo-se neste momento, à ligação por meio de condutas, do lugar do Paúl, rico em água e situado naquele concelho, com as diferentes povoações do município de Mafra, entre as quais a Malveira. Espera-se que os trabalhos já em fase adiantada de execução, estejam concluídos nos fins do corrente ano.

Outros melhoramentos se efectuaram nesta freguesia, entre os quais a instalação do telefone em 1934, a estação dos correios e o matadouro local em 1935 e mais virão, contando já como certa a construção das novas instalações metalúrgicas ligada à lavoura, da

Casa Hipólito de Torres. Vedras.

Estes e outros benefícios que o local disfrutou ou virá a usufruir, permitiram-lhe um estilo de vida mais urbano, pelo que houve a necessidade de assegurar a existência material dos seus habitantes. Apesar da crescente afluência de mercadores de todos os ramos ao mercado semanal, impunha-se a criação de casas comerciais, como mercearias com tabernas anexas, variados talhos, sapatarias, casas de modas, de móveis e de pasto, estas sem dúvida em demasia para a população da terra, mas insuficientes em dias de feira, para prover às necessidades dos que ocorrem. Estas lojas, denominadas de comércio mixto, vendem um pouco de tudo, acumulando numa infinidade de prateleiras as mais diversas mercadorias.

O comércio aumenta à quinta-feira porque a multidão anónima que aflui, provoca um grande movimento de procura, adquirindo aqui tudo o que lhe faz falta ou não existe nos lugares onde vive. Nesse dia o borbórinho é enorme, provocado pelos milhares de forasteiros que enchem por completo o recinto da feira, onde só a custo e à força se consegue avançar.

Durante a semana, a povoação como que adormecida recompõe-se desse exaustivo dia e apenas o verenéante, nas tardes calmas, procurando a sombra amena das copadas árvores do parque, próximo à pista de bicicletas, altera com a sua presença, esta tranquilidade.

A "mata", a que as autoridades dedicam todo o cuidado, é também assediada, nos domingos quentes do Verão, por centenas de pessoas, daqui, dos lugares mais próximos ou mesmo de Lisboa, que buscam as suas refrescantes sombras. Fazem-se acompanhar de merendas, saboreadas com delícia em contacto com a natureza, ou sentados em toscos bancos de madeira feitos dum tronco grosso de pinheiro e dispostos

ao redor das convidativas mesas, abrigadas pelas ramadas das árvores frondosas.

A noite, enquanto a população rural da freguesia procura no descanso, o retempero dos esforços dispendidos durante o dia nas fainas agrícolas, uma grande parte dos habitantes desta bonita povoação, habituados a uma vida mais urbana, vão até ao café. Aqui conversam, trocam impressões do dia a dia, realizam por vezes o seu negócio, vêem televisão ou participam numa partida de bilhar, enquanto outros saboreiam as deliciosas "trouxas", bolos regionais de reputada fama.

Também com o aumento do número de moradores de gostos citadinos e no sentido de promover e estreitar laços de amizade, fundaram-se várias colectividades e centros recreativos; nomeadamente os Bombeiros Voluntários, o Atlético Clube e o Cine-Teatro Beatriz Costa.

Durante os longos meses do Inverno - frio e muito húmido - aqui sentido intensamente, o movimento diário é menor e vive-se se possível, mais em família. Reduzem-se as saídas que só se fazem em caso de necessidade ou no dia da feira, a qual não deixa de se realizar, nem perde o seu movimento habitual, por pior tempo que faça.

3) Povoamento

Ao observarmos os mapas da freguesia, verificámos que a população vive em pequenos aglomerados de casas, constituindo aldeias compactas, mas dispersas e uma ou outra construção dissimulada pelos campos.

Este tipo de povoamento reveste vários aspectos, dos quais há a considerar, as **aldeias** e os **casais**. O povoamento inicial seria o do **casal** disperso (1), observando-se ainda algumas ruínas isoladas na encosta de Monte Leite e na vertente da serra do Sêro, actualmente servindo de abrigo aos gados.

Na realidade à medida que as matas e os incultos foram submetidos às arroteias, cedendo lugar aos campos cultivados, nasceu a necessidade do homem se fixar, sempre que possível próximo da sua lavoura. Este facto ocasionou o aparecimento de casais, aqui e ali, de preferência nas encostas soalheiras.

Por outro lado, o velho hábito muito corrente na região que obriga todo o moço a possuir "umas telhas"(2) antes de constituir família, fez construir muitas casas dispersas nas leiras, que por morte dos pais lhes caberiam como herança.

O **casal** tem na região o sentido de "unidade de exploração agrícola familiar" (3) e compõe-se vulgarmente de casa de habitação e das dependências necessárias a uma vida do campo, sempre cercado por terras, onde se procede às culturas.

A medida que a família se multiplica, novas construções vão surgindo. Reduzem-se os espaços, sobretudo se outros agregados familiares se vêm juntar ao já existente e o casal isolado dá lugar a grupo de casas, sem terreno de premeio, mantendo apesar de constituírem verdadeiras povoações a mesma designação. É possivelmente esta a origem dos pequenos aglomerados da Abrunheira, Carrasqueira, Lages, Casal Novo e da própria Malveira que sobressaem

(1) - Segundo Ascensão Valdez, ob. cit., A Malveira ter-se-ia formado a partir do Casal da Costa que pertenceu bem como outros casais ao padre Vicente Annes Froes.

(2) - Significa em linguagem popular uma casa.

(3) - EVANGELISTA, João - ob.cit.,pág.75.

da vastidão dos matos.

O casaleiro que ama a independência, habituou-se a viver afastado e sem contactos com as povoações, sobretudo durante o Inverno quando a abundância das águas faz transbordar os ribeiros e torna impraticáveis os precários caminhos. Vive da terra e para ela e dela sai apenas para se abastecer de víveres, aproveitando a altura para vender os excedentes da sua lavra, ou em dia de romaria, para fugir à permanente melancolia.

De toda a freguesia, a maior concentração de gente situa-se na Malveira pròpriamente dita. O núcleo mais antigo, denominado Malveira de Cima, desenvolveu-se à sombra da antiga quinta do Moimho, onde os proprietários mandaram construir uma bonita casa, mais tarde ampliada e restaurada (1) e em redor da qual se ergueram algumas habitações, para residência dos que ali trabalhavam.

No começo deste século, devido a variados factos já referidos, verificou-se uma afluência de gente que veio fixar-se na freguesia da Malveira, alargando a pouco e pouco a antiga delimitação habitacional. Do facto resultou o aparecimento de novas construções, alinhadas ao longo das estradas, ou próximo delas, constituindo um belo exemplo de dispersão orientada.

E assim, aos poucos, se desenvolveu uma bonita e moderna povoação a uns escassos 10 quilómetros da sede do concelho e apenas a 23 quilómetros de Lisboa, servida pelo caminho de ferro do Oeste e por boas estradas que nela se cruzam.

(1) - As obras de restauro e ampliação foram encetadas por José Maria Baptista Antunes que aqui adquiriu avultados bens, empreendendo o desenvolvimento da Malveira, e gastou na realização deste sonho toda a sua imensa fortuna. A este homem, amigo da sua terra, cuja memória é venerada por todos, a Malveira deve grande parte daquilo que hoje é.

4) A casa

Encontramos fundamentalmente dois tipos de casas, as rurais, um pouco espalhadas por toda a parte e as de feição urbana, que predominam na povoação da Malveira. Há ainda a considerar a desigual antiguidade que elas apresentam, distinguindo-se dois grupos: as modernas (1) e as antigas. Das primeiras, têm-se construído muitas nos últimos anos e das segundas há exemplos por toda a região.

A casa rural, sem expressão própria, é uma amálgama de variadíssimas influências, vindas daqui e dali, as quais criaram apesar da sua diversidade, o aspecto normal que hoje apresentam (2).

As casas mais antigas, das povoações e dos casais isolados, servem para habitação e abrigo dos gados, possuindo ainda bastantes anexos. Construídas vulgarmente em blocos de calcário e argamassa de cal e areia, aparecem contudo algumas de taipa e de adobe, denotando no conjunto um aspecto cuidado, pois são a miúdo caiadas de branco. Da alvura do casario, sobressaiem as "barras" das portas e das janelas, feitas com cal colorida de ocre amarela, de o nagre ou vermelho e de cinzento.

A planta da casa é quadrangular, com duas saídas, uma para a rua e outra oposta a esta que dá para o quintal.

A entrada da porta principal, existe um patamar e alguns degraus, para permitir o acesso ao interior e onde por vezes a locatária coloca alguns vasos coloridos. Da rua passa-se directamente à "casa de fora" e daqui aos quartos e à cozinha, que comunica como o quintal.

(1) - Consideramos casas modernas as que foram construídas nos trinta anos mais próximos.

(2) - EVANGELISTA, João - ob. cit., pág.61.

O chão é de terra batida e alisada, embora as casas mais abastadas apresentem soalho de madeira, muito "desencascadinho", pois todas as semanas a dona da casa o esfrega com água e sabão.

As habitações são em geral térreas, com telhado de duas águas, embora existam algumas com quatro e sustentados interiormente por barrotes, sobre os quais assentam as "ripas" em sentido transversal, que servem de apoio às telhas de canudo ou "telha portuguesa".

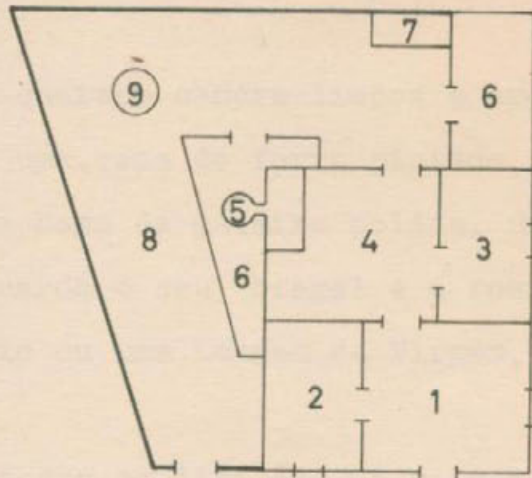
A casa de telha-vã tem cedido lugar à forrada totalmente, quando as posses do proprietário o permitem, ou só parte, em geral os quartos para maior concheço da família. No entanto o forro, para além do conforto que oferece aos moradores, serve de amplo sótão onde se guardam as alfais agrícolas, os cereais ou outras provisões. Este comunica directamente com a cozinha que quase nunca é forrada, por meio de uma abertura ampla ou simples alçapão e o acesso faz-se quase sempre através duma escada móvel.

Como a cozinha não possui janelas, a luz entra por um pequeno postigo que existe na porta e por uma telha de vidro ou simples pedaço de matéria transparente.

Neste compartimento a família reúne-se para ceiar e as mulheres preparam aqui as refeições. A um canto fica a espaçosa chaminé coberta de lages, com fornalha, onde ardem troncos de madeira seca e se cozinham os alimentos. O forno para cozer o pão que alimenta semanalmente a família está destrito à chaminé, pois raramente o encontramos noutra dependência da casa.

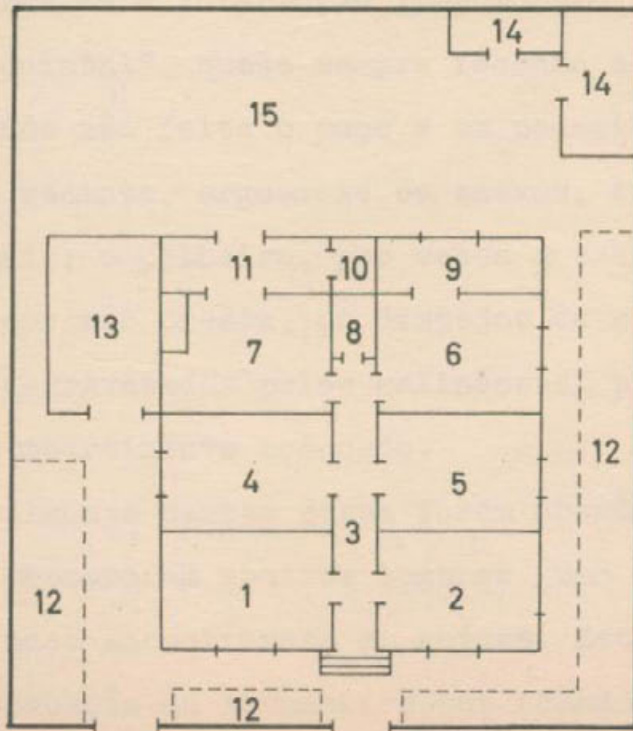
De todos estes fornos só uma minoria continua em uso, fabricando o delicioso e apreciado pão caseiro. A perda deste hábito, deve-se ao aparecimento das padarias, que apesar de encarecerem a aquisição do pão se generalizaram para comodidade das mulheres e simplificação das lides domésticas.

PLANTA DE UMA CASA RURAL



- 1 - casa de fora
- 2 - quarto
- 3 - »
- 4 - cozinha
- 5 - forno
- 6 - anexos
- 7 - pocilga
- 8 - quintal
- 9 - poço

PLANTA DE UMA MORADIA



- 1 - sala
- 2 - quarto
- 3 - corredor
- 4 - quarto
- 5 - »
- 6 - casa de jantar
- 7 - cozinha
- 8 - casa de banho
- 9 - sala
- 10 - quarto
- 11 - marquise
- 12 - jardim
- 13 - garagem
- 14 - capoeiras
- 15 - quintal

0 5 10m

Na cozinha há ainda uma grade com loiça pendurada, ou um móvel onde esta se guarda bem como os vidros, uma mesa tosca e alguns bancos.

Nos quartos sempre limpos e arejados, o mobiliário é escasso, apenas uma cama de ferro pintado, com tons garridos, por vezes só uma cama de madeira polida, uma arca ou uma cómoda onde a mulher guarda o seu bragal e a roupa domingueira e na parede um crucifixo ou uma imagem da Virgem, completam o arranjo desta dependência.

De todas as divisões a mais requintada é sem dúvida a "casa de fora", sempre pronta para receber o amigo e que se capricha em apresentar o melhor possível. Uma mesa "elástica", meia dúzia de cadeiras, um móvel com loiça só utilizado em dias de festa ou para servir pessoas de cerimónia, nas paredes alguns quadros, retratos e outros adornos preenchem o mobiliário.

Mas se o interior é limpo e cheio de ar, o mesmo se não pode dizer do "quintal", quase sempre fechado e que fica nas traseiras da casa onde não falta o poço e um pedacito de terra amanhada. Neste pequeno recinto erguem-se os anexos, como a adega, as casas para os animais, o palheiro, por vezes a casa do forno e nele se lança tudo o que não presta, os despejos da casa e as montureiras dos gados que esgravatados pelos galináceos provocam um odor nauseabundo e um impertinente mosquedo.

Algumas destas casas foram abandonadas pelos seus locatários, que procuraram noutros lugares uma vida mais desafogada e em poucos anos encontram-se em ruínas. Este panorama chocante sente-se na povoação da Abrunheira, que abandonada pelos homens contrasta flagrantemente com a ridente Malveira, a qual mercê dum posição previligada se viu em curto espaço de tempo repleta de mui

tos e modernos prédios, em geral de dois ou mais andares.

Das casas de feição urbana têm-se construído muitas nos últimos tempos, sobretudo ao longo das estradas, para aproveitar os benefícios dos transportes, ou bordejando o Campo da Feira e ainda dispersas pela região, em sítios por vezes isolados.

Na Varzea de Monte Leite, construíram-se muitas vivendas, pertença de senhores abastados, que aqui vêm passar os fins de semana e o Verão, às quais nunca falta o jardim, o quintal e nalguns casos a piscina. O aspecto alegre é-lhes conferido, não só pelas cores garridas das fachadas principais e das janelas protegidas por persianas, mas também pelos tons multicolores das corolas floridas dos jardins, espreitando graciosamente por de cima dos muros das cercas.

Estas habitações são por vezes murada permanente daqueles que, trabalhando na cidade, nos arredores, ou vivendo dos rendimentos, apreciam o ambiente calmo e aprazível do campo.

Ao longo das ruas mais ou menos estreitas da povoação, alinham-se as construções sucessivas de monótonos e uniformes prédios de vários andares. De planta rectangular, estes imóveis têm poucas divisões e são providos de lojas, o que torna possível o estabelecimento dos mais diversos ramos de comércio fino, como casas de móveis, artigos electro-domésticos, pastelarias e outros, revelando bem a evolução operada na localidade.

Contudo o verdadeiro reflexo desta nítida feição sub-urbana que separa cada vez mais o homem da terra, traduz-se no aparecimento daquilo a que vulgarmente denominamos bairro da lata, localizado na Cova da Abelha e na encosta da serra da Malveira. Afastado do lugar residencial e encostado aos muros dum belo imóvel, a "casa da boneca" próximo da ribeira dos Juncais, aparecem-nos dis-

postas em filas meio escondidas entre o arvoredo, pequenas casas abarracadas, fruto de variados e complexos problemas humanos.

Não sendo feitas propriamente de lata, as casas apresentam uma construção precária, constituindo a parte mais pobre e triste da bonita povoação da Malveira. Casas pequenas de aspecto modesto mas limpo e de planta uniforme: uma "casa de fora", uma cozinha e um quarto.

São muitas as famílias que aqui habitam, mais de duzentas, constituindo o maior núcleo populacional da Malveira de Cima. Apesar do desconforto e da falta das mais elementares condições de higiene, desfrutam de esplêndido panorama: bons ares e paisagem magnífica. Contudo esta gente não tira partido da sua privilegiada posição e olham com tristeza a mole de prédios novos que se lhes estendem aos pés e onde aspiram poder um dia viver.

Na maior parte são pessoas modestas, vindas dos locais mais diversos, nomeadamente de Lisboa e arredores, onde as suas fracas posses não comportavam o preço elevado das rendas das casas e o nível de vida dos grandes centros.

Mas, ao chegarem encontraram a vida já cara e como a renda duma casa confortável, embora modesta, lhes levava quase todo o dinheiro alugaram estas (1), solucionando assim um dos seus muitos problemas.

(1) - Apurámos que as famílias aqui radicadas há mais de dez anos, pagam mensalmente entre trinta a sessenta escudos.

CAPÍTULO IV
ECONOMIA RURAL

1) Aproveitamento do solo

Pode dizer-se que o homem reconheceu desde sempre a necessidade que para o seu organismo representam os vegetais, como elementos constituintes da alimentação. Já nas mais remotas eras, o instinto levava-o a procurar em determinadas plantas espontâneas, o complemento indispensável da caça e da pesca, algumas das suas principais ocupações.

Mais tarde, com a fixação dos povos, surge já mais consci_{ente} este aproveitamento dos recursos vegetais no sustento humano, uma vez que chega ao ponto de os cultivar, originando assim um novo tipo de actividade, que até hoje tem constituído uma das mais notáveis e úteis formas de utilização da energia humana e cuja importância aumentou nos últimos tempos.

Nesta freguesia onde a secura durante o Estio aflige as terras baixas e o relevo vigoroso limita as áreas de solo aráveis, os terrenos de cultura formam manchas dispersas e exigem dos homens constantes canseiras. Na verdade só a vontade tenaz e o trabalho persistente de algumas gerações, conseguiram num solo em geral delgado e pobre, onde a rocha-mãe dura e hostil aflora com frequência, abrir pequenos campos estremados por sebes, valados ou mais geralmente por muros de pouca altura, feitos com pedras extraídas dos próprios campos.

A) Matos e arvoredos

O aspecto dominante da vegetação desta freguesia, resulta de um entrelaçar de influências mediterrânicas e atlânticas e vai-se reflectir na variedade das espécies vegetais existentes; umas próprias das regiões da Europa Ocidental e Média, outras do Mediterrâneo (1).

Destas últimas, figuram entre as plantas mais representativas da flora local, algumas árvores e arbustos sempre verdes: as Querci, como o sobreiro (*Quercus suber* L.) em manchas dispersas, o carvalho cerquinho (*Q. lusitânica* Lan.) e o carrasco das espécies (*Q. coccifera* e *Q. paginae* L.).

Englobamos ainda neste grupo os cistus, cujas espécies mais vulgarizadas são os (*C. salvipolius* e *C. hirsutes*), a urze branca (*Erica arborea* L.), a aroeira (*Pistacia lentiscus* L.), a murta (*Myrtus communis* L.), a carqueja (*Pterospartum tridentatum* L.), a joina (*Oxonis natrix* L.) e o trovisco das espécies (*Emphorbia characias* e *Daphne guidium* L.).

Como representantes das plantas lenhosas, comuns à Europa Atlântica, predominam os tojos: tojo molar (*Ulex nanus* L.) e o tojo arnal (*U. europaeus* L.), que encontramos em grandes extensões, cobrindo grande parte das serranias. Os castanheiros (*Castanea sativa* Miller), os ulmeiros (*Ulmus campestris* L.), os choupos (*Populus nigra* e *P. tremula* L.) e os vimeiros (*Salix fragilis* L.), aparecem em pequenas manchas dispersas em conjunto com o pinheiro bravo (*Pinus pinaster* L.), que forma aqui grandes povoamentos.

(1) - RIBEIRO, Orlando - Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico, ob. cit., pág. 53.

Últimamente o eucalipto (*Eucalyptus globulus*) tomou em parte o lugar do pinheiro e ambos sobem as encostas cobertas de matos, envolvendo os pequenos retalhos de terra cultivada. Os principais maciços de coníferas estendem-se da Venda do Valador ao alto da Lagoa, na Abrunheira, na Quinta das Pegas, na Carrasqueira e entre o cabeço do Funchal e a povoação de Alcaíça Grande.

Actualmente é a única essência indígena de interesse económico para a freguesia e para o concelho, não só pelo valor da madeira, mas também pelo das ramas e lenhas que fornece.

A área ocupada pelo pinheiro bravo tem possibilidade de ser aumentada, quando o homem apegado à criação do gado, compreender a necessidade de proteger as árvores mais jovens da gula devoradora dos animais e deixar de arrotear terras de nítida vocação florestal. Assim, aumentar-se-ia a riqueza vegetal da freguesia, beneficiando ao mesmo tempo a sua economia.

Nos últimos vinte anos intensificaram-se as plantações de eucaliptos, apesar das suas características esgotantes do solo. É curioso notar que em determinada altura, a febre por esta planta exótica foi tão grande, que se deu a substituição pura e simples do pinhal pelo eucaliptal.

Como essências dispersas, deparámos com frequência com os choupos e os vimeiros, estes junto dos riachos e os primeiros sombreando as estradas, ou bordejando as linhas de água. O vimeiro com uma importância superior à do choupo, é utilizado no fabrico de cestos e dá lugar não só a pequenas indústrias caseiras, como a um comércio local e de exportação.

Esta espécie ocupa uma área diminuta, apenas uns escasos 2,1727 hectares.

Envolvendo a zona agro-florestal existem ainda grandes extensões não cultiváveis, cobertas por brenhas, sobretudo nos cimos abruptos das serras e nas vertentes mais declivosas. É o domínio dos gados e do pastoreio extensivo, sendo por este facto frequentemente queimado, na ânsia de se obterem melhores pastos.

Naturalmente, nem todos se podem aproveitar para pastagens, sobretudo as cumeadas rochosas e as manchas de esteva, cujo cheiro exalado afasta dela todo o gado.

Estes matos, servem também para camas dos animais estabulados e os constituintes são em geral o tojo-molar, o trovisco, a urze e a joina por serem mais macios e absorventes. Contudo, há matos que apesar de infestados de tojo arnal (mato bravo), de aroeira, de carqueja, de murta, de carrasco e de lentisco, são ainda aproveitados para fazer "camadas". São em geral grandes propriedades, com áreas sempre superiores a 1 hectare atingindo 10, 20 ou mais e pertencem a marchantes e criadores de gado, ou estão alugados a estes, que para lá deslocam os seus animais.

É frequente ver manadas de gado bovino, manso e bravo, pastando pachorrentamente nos cimos dos montes, acompanhados pelo pastor e o cão de guarda.

Em plena serra, sempre que existe alguma nascente, a água é conservada em tanques alongados, feitos em cimento, onde os animais podem matar a sede.

Encontramos também no meio do matagal, numerosos "cercados", vedações de madeira tosca de forma rectangular, onde os gados pastam durante o dia, só recolhendo ao curral pela noitinha. Desse modo as reses destinadas a abate apesar de estabuladas, têm uma maior liberdade e por outro lado alimentam-se muito mais do que deambulando livremente pelas serras, o que as faz adquirir peso rà-

pidamente. Estas vedações têm um duplo fim: a engorda rápida dos a n m a i s e a fertilização dos matos e campos, onde mais tarde se ob- t ê m b o n s p a s t o s.

São também considerados incultos os terrenos baldios p e r t e n ç a da Junta de Freguesia, arrendados para cultivo ou para pas- t o. Um desses baldios foi plantado de árvores e é tratado com d e s v e l o pelas autoridades locais, constituindo hoje um magnífico par- q u e de belas sombras que cercam uma grande e moderna pista de ve- l o c í p e d e s, arrendada ao Atlético Clube da Malveira.

Noutro baldio a freguesia mandou construir um colégio de e n s i n o particular, frequentado por crianças de ambos os sexos que a q u i se preparam para o exame do primeiro e segundo ciclos liceais. P o s s u i a i n d a h o j e d o z e baldios numa área de 41,5441 hectares, v e n d e n d o alguns pedaços para construção, sobretudo se ficam próximo da á r e a u r b a n i z a d a, sempre que têm necessidade de obter fundos e des- t e m o d o a o s p o u c o s o inculto passa a urbano.

B) A agricultura

Apesar de na freguesia se possuir hoje a tendência para u m a a g r i c u l t u r a ligada à criação do gado, os seus traços essenci- a i s têm um cunho mediterrânico, predominando os cereais e entre e l e s o t r i g o, que continua a ser, depois das forragens, o produto de m a i o r o r e v o r a d e m a i o r a g r i c o l a.

Além deste cereal, os produtos de mais lacta exploração s ã o, a aveia, o bersim (1), alguns milhos, utilizados exclusivamen- t e n a a l i m e n t a ç ã o dos animais e os fenos, sobretudo o fenacho ou f e n a ç o.

(1) - Trevo-de-Alexandria. Elucidário Fitológico. ob.cit.

no grego e a nafa, com largo predomínio do primeiro.

O interesse do homem do campo por estes produtos, está relacionado com as rotações necessárias a dar ao solo e com a alimentação dos gados.

Cultiva-se também a cevada, o chicharo, o grão de bico, o grão preto, a fava e o feijão, em geral associados ao milho de sequeiro. Nos terrenos mais férteis e abundantes de água, generalizou-se a horticultura e um pouco espalhadas por toda a parte, um reduzido número de oliveiras e árvores de fruto.

Apesar da freguesia da Malveira se encontrar rodeada por grandes áreas vinhateiras, como a Azueira, o Gradil, a Enxara do Bispo, e a Igreja Nova, a vinha aqui quase não existe. Mas noutros tempos, constituiu juntamente com a charneca, a base da agricultura local (1). Eram tantos os terrenos plantados de videira que muitas terras conservam ainda hoje o nome de vinhas.

O desenvolvimento do "oidium", depois de 1851, levou os proprietários a arrancarem as cepas e a cultivar em seu lugar os cereais. Já quase no fim do século XIX, o aparecimento da phylloxera devastou as que ainda existiam.

Todas estas dificuldades foram outros tantos desaires, para o pequeno vinicultor e provocaram não só a descrença e o desânimo, como o abandono e a perda de gosto por esta cultura.

Hoje perdida a antiga importância, as vinhas estão reduzidas a uns escassos 5,8573 hectares, pouco mais que uns irrisórios 0,4 p.100 da área cultivada da freguesia.

(1) - Observámos algumas ruínas de lagares e foi-nos referida a existência de muitos, apesar da cultura da vinha na Malveira ser actualmente insignificante.

Das sementeiras mais generalizadas, apenas se podem considerar recentes as do fenacho e as do grão preto. As primeiras apareceram há uns vinte anos, no período da não selecção do após-guerra, lançadas pelas boas qualidades forrageiras. Apesar do cheiro que comunica às carnes, sobretudo quando seco, é aproveitada para a alimentação animal quando em verde e fenado para ração de bovídeos de trabalho, em seco.

Esta seara tem tendência para aumentar, quer pela sua rusticidade e serôdia sementeira, permitindo o aproveitamento dos terrenos que por circunstâncias frutuitas não puderam ser melhor cultivados, quer em substituição da fava cuja produção tem diminuído, em virtude do aparecimento do nefasto "rabo de raposa".

As culturas sucedem-se, primeiro o trigo, depois deste um cereal menos exigente (cevada ou a aveia) e para suprir o pousio, a cultura de leguminosas de sequeiro.

As rotações mais frequentes fazem-se nas seguintes modalidades:

1º ano - nabo (nas primeiras águas) - trigo (semeado em Janeiro);

2º ano - forragens (aveia, cevada, centeio) - milho e feijão.

De todas as rotações de sequeiro, a última é a que permite um completo aproveitamento da terra, a qual só com boa estrumação pode ser explorada neste regime.

Nos campos mais férteis ou mais bem adubados, utiliza-se a seguinte rotação:

1º ano - milho e feijão;

2º ano - trigo.

Esta leva em geral antes da seara sachada do milho a

ferragem (centeio, aveia), ou cevada para verde ou para grão . A cultura intercalar do feijão, deixa de se fazer logo que a terra perde fertilidade.

Há ainda um terceiro tipo, muito usado e sem dúvida de acordo com o gosto desta gente, que vê presentemente no gado o único meio de satisfazer os seus muitos encargos.

1º ano - trigo;

2º ano - aveia, cevada - milho (semeado em Março);

3º ano - leguminosas (fenacho, fava ou grão).

Fazem-se ainda as sementeiras intercalares de Inverno - ferrejos, nabos e couves - que não ocupam toda a folha, mas apenas a parte mais fértil.

Quando os verdes se cultivam em terras suficientemente frescas e sempre que o tempo o permite, levam a intercalar um cereal, em regra milho branco destinado à alimentação dos gados, sucedendo ao próprio fenacho, quando este nos fins da Primavera chuvosa sai da terra.

Estas rotações favorecem a agricultura destes sítios, cuja exploração tem os mais lactos interesses num ramo pecuário.

Produzir trigo e milho sucessivamente em terras fracas, habituadas a poucos estrumes, são coisas que não parecem certas e o lavrador saloio, vê no leite muito mais que um simples ganha-pão, um benéfico meio de intensificar e aperfeiçoar a agricultura. Efectivamente o prazer de criar gado, há muito difundido por estes lugares, aumentou sobretudo a partir da segunda grande guerra mundial com o desenvolvimento dos transportes e a procura de leite para abastecimento de Lisboa.

Embora os preços em princípios baixos e nem sempre regular a recolha do leite, o pequeno lavrador já tendo um certo lu-

cro diário que associado à recria, aumentava os seus magros rendimentos. Assim, a vaca deu um contributo importante à exploração familiar, fornecendo ao homem não só o leite mas o estrume e o trabalho na preparação dos campos.

A horta, está limitada a uma pequena área, pois só é possível em terrenos férteis e húmidos, mas o fazendeiro por via da regra um criador de gado, vai sendo sempre que a água abunda, um hortelão.

Pode pois definir-se um "campo" da freguesia, como uma unidade exploração agrária, destinada a produzir conjuntamente, cereais para pão e culturas intercalares para pasto e alimento dos gados. Efectivamente esta agricultura, ligada à exploração dos bovídeos, tem um real interesse quer pelo lado económico quer pelo social, pois contribui para o equilíbrio da pequena empresa agrária familiar, à parte as vantagens existentes no que toca à conservação do solo.

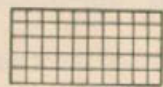
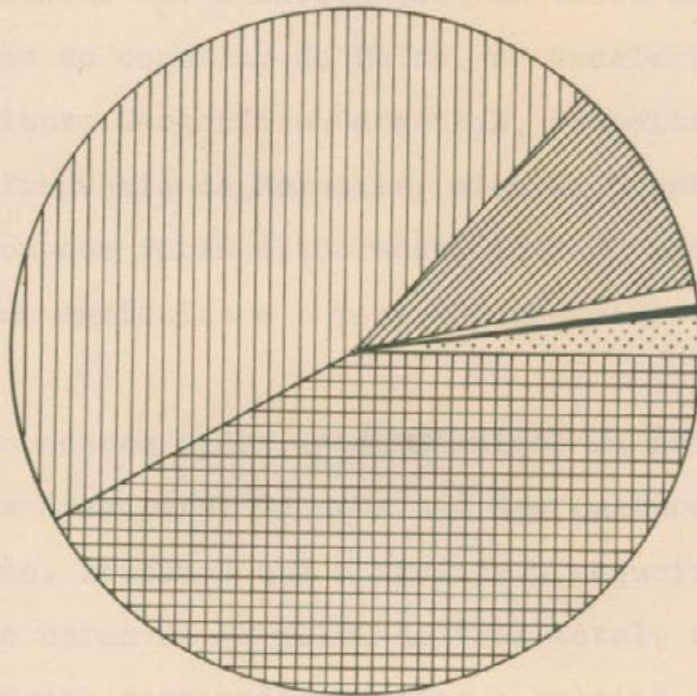
C) Regime da propriedade e formas de exploração da terra

A freguesia da Malveira, com uma área rural de quase 1182 hectares, tem 1363 prédios rústicos, distribuídos por cerca de 753 contribuintes.

Destas propriedades, 714 são terras de sementeira, como una média de 0,69 hectares, contudo 438 não atingem os 0,5 hectares. São pequenas leiras, dispersas e às vezes afastadas alguns quilômetros, subcarregando a produção com o elevado encargo de transportes.

Das 212 propriedades ocupadas por matos, 141 apresentam uma área superior a 0,5 hectares, mas algumas atingem mesmo deze -

DISTRIBUIÇÃO DA ÁREA RURAL DA FREGUESIA DA MALVEIRA



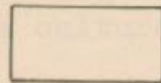
cultura arvense
de sequeiro



eucaliptos



matos e incultos



vinha



pinheiros e outras
essencias



vimeiros

nas de hectares, tão grande é a extensão, como verificámos nos Casais da Pedra, da Costa, do Sêro, esta a maior de todas (57,998he) e também no Vale de Andorinha.

Há ainda 437 propriedades, destas 309 são pinhais, 21 permanecem vinhas e as restantes encontram-se plantadas de eucaliptos e vimeiros.

Para assentar estas informações em bases concretas, servimo-nos das cartas do concelho de Mafra, na escala de 1:2.500 existentes no Instituto Geográfico Cadastral, respeitantes ao levantamento geral da Freguesia da Malveira, efectuado entre 1929 e 1931. Dado o pormenor com que foram elaboradas, incluem a discriminação de todos os prédios agrícolas e a posição exacta dentro da freguesia.

Baseados nestes dados, ~~os~~ **construímos** um gráfico circular da distribuição da área rural de cada uma das culturas praticadas na região em estudo. Apurámos que a arvense de sequeiro ocupa 495,4506 hectares, portanto cerca de 42 p.100 da área total, uma vez que 45,1 p.100 são inteiramente destinados a matos e baldios, enquanto as restantes culturas não chegam a apresentar 15 p.100.

Entre as sementeiras, a do trigo toma como vimos a primasia, cultivando-se em rotação com outras.

Os matos ocupam 533,766 hectares, revestindo a maior parte dos serros que se erguem na freguesia. Têm sofrido nos últimos tempos largas arroteias para introdução da cultura arvense, do pinhal que ocupa uma área útil de 117,2174 hectares, portanto 9,9 p. 100 do total da freguesia e dos eucaliptos que se espalham numa extensão de 27,336 hectares.

Os campos normalmente limpos de árvores, têm as suas extremas marcadas por oliveiras, ou por simples muros de pedras soltas.

Apesar de serem poucas as pessoas que não possuem terra própria, ela é em geral insuficiente para prover as necessidades familiares, pelo que recorrem ao arrendamento da alheia.

A exploração por conta própria, continua ser a dominante e é em regra o próprio proprietário que a amanha de conjunto com os familiares ou ajudado por alguns servos, quando aqueles não são suficientes.

O arrendamento é feito por contrato, quase sempre verbal e com a duração de um ano. As rendas pagam-se em trigo ou dinheiro no dia de Santa Maria, a 15 de Agosto, sendo o rendeiro reconduzido pelo pagamento. O aluguer das vinhas e hortas é recebido respectivamente pelo S. Martinho e em Janeiro. O preço varia, acompanhando em geral os valores dos produtos, mas com propensão para aumentar ou pelo menos para se manter, em parte devido à concorrência movida pelos pretendentes, sempre prontos a alugar a terra pelo dinheiro que o proprietário diz.

Esta especulação provoca o esgotamento do solo, pois o que o arrenda tem de tirar para comer e para pagar ao dono. Esta modalidade encontra-se na média e pequena propriedade, pois as grandes são em geral cultivadas por conta própria. Esta é aliás a forma perfeita de exploração da terra, que cuidada pelo dono não só a trata com carinho, como procura valorizá-la.

2) A produção agrícola

A) Os cereais

Como acabámos de referir, as culturas mais praticadas são as de sequeiro, que comportam como vimos além do trigo, o milho, o feijão, a fava, aveia, a cevada e o fenacho. De todas estas o tri

go é a de maior valor económico e mercê das sucessivas arroteias e da substituição das vinhas, expandiu-se pelos vales, nas encostas, e até onde o declive permite.

Por volta de 1930, a campanha do trigo vem incrementar esta cultura, a que o agricultor dá a sua preferência, quer pelas razoáveis reduções obtidas, quer pela fácil colocação do produto.

Mas como trigo é uma seara esgotante, o homem do campo semeia em rotação as forragens ou as leguminosas, assegurando o fornecimento de ração para os animais e o revigoramento do solo.

O trigo é lançado sobre alqueive (1), ou simples espigão e o critério usado está de acordo com o modo em que se encontra a terra, ou com o desafogo financeiro do momento. No primeiro caso, o solo é preparado geralmente por um junta de bois, vacas de trabalho ou tractores.

Noutros tempos este serviço era feita a braço, com a ajuda dos animais e o concurso do arado (2).

Apesar de alguns lavradores possuírem gado de trabalho, muitos há que o não têm, utilizando no amanho das terras o alheio, que se faz pagar bem (3), tornando o trabalho mais dispendioso e demorado pelo que tem sido substituído pelos tractores. Estes executam os serviços mais rapidamente e deixam os solos em melhores condições, quer de preparação quer de profundidade, pois lavram entre

(1) - Lavoura profunda preparatória dos terrenos a cultivar.

(2) - O arado mais usado e que ainda hoje se vê, é de madeira com relha de ferro. O timão é inteiriço e serve de cabeçalho para ligar à canga que o animal suporta.

(3) - Em Dezembro de 1964 uma junta de bois ganhava por dia 180\$00 a 200\$00, com direito a comida e vinho para o lavrador, enquanto o tractor levava 75\$00 à hora.

30 e 40 centímetros de fundo.

Existem já alguns indivíduos proprietários destas máquinas, que se encarregam mediante pagamento de todos os trabalhos da lavoura, tendo-se generalizado ultimamente o seu uso. Contudo a maquinaria entrou muito tarde na região, não só porque o regime de pequena propriedade, tão comum na Estremadura portuguesa, não permite investir na exploração capitais que o pequeno proprietário não possui, mas porque o próprio parcelamento dos campos e os pendores exagerados, restringem a extensão das novas técnicas agrárias.

Depois das primeiras águas, o terreno é lavrado e mais tarde, em fins de Novembro ou meados de Dezembro abafado. A semente lança-se à terra amolecida pelas primeiras águas outonais, dois ou três dias depois, se o tempo o permite, da festa litúrgica de Nossa Senhora da Conceição que marca o início da sementeira do trigo, a qual sujeita a múltiplas influências se prolonga até fins de Fevereiro.

Os adubos químicos que vão aumentar a fertilização do terreno(1), são lançados à terra juntamente com a semente. Em seguida o homem dá com a grade uma ou duas passagens no terreno, para deixar a terra armada em leiras, com largura aproximada de um metro.

As searas do trigo fazem-se normalmente na proporção de 9 alqueires (126 litros) (2) por hectare. A produção é da ordem das 10 a 20 sementes, sendo por vezes superior e um alqueire semeado dá entre 10 a 20.

Terminados os trabalhos segue-se a monotonia do Inverno e a aproximação da Primavera, que provoca o nascimento das plantas,

(1) - Os produtos mais utilizados são: o superfosfato e o sulfato de amónio.

(2) - Um alqueire na região equivale a 14 litros.

estimuladas pelo calor e aguaceiros. O começo do Estio marca outra culminação nas fainas agrícolas, com o início das debulhas e recolha dos cereais.

Nesta altura do ano vêm à freguesia máquinas debulhadoras, executando o trabalho rapidamente e quase sem encargos para o proprietário que paga apenas a palha (1). Com efeito, a debulha faz-se à maquia, isto é, a cobrança por parte do dono da máquina dum certa percentagem sobre o trigo debulhado. Nos primeiros tempos a maquia era de 10 p.100, actualmente é de 7 p.100, se o trigo é colocado no local onde se encontra a debulhadora e de 9 p. 100, se esta se encarrega de o colocar em casa do lavrador.

Como na freguesia não existe nenhuma moagem, a maior parte dos cereais são adquiridos pela Federação Nacional dos Produtores de Trigo, através do Grémio da Lavoura, seu delegado e conduzidos em camionetas e outros veículos até aos armazéns destes organismos, instalados junto à ampla estação de caminho de ferro, por onde se faz o movimento desta e doutras mercadorias.

Antigamente os cereais eram moídos nas azenhas, movidas pela água, situadas no Loural e nos moinhos de vento espalhados pela Serra da Malveira. Estes pequenos industriais trabalham hoje quase só para aqueles e, poucos são na verdade, que alheios ao progresso, continuam a fabricar, com o seu trigo o saboroso pão caseiro.

O moleiro quebra em regra quilo e meio por cada alqueire, ou dois quilos e 25\$00; por cada sacco de grão moído.

(1) - Cada fardo de palha custava 2\$00 ou 2\$50, mas o ano passado aumentou para 3\$00.

Depois do trigo o cereal mais cultivado é o milho, que aponhado quase sempre em verde, tem como fim único alimentar o gado. A sua produção é incerta, o que não surpreende pois trata-se de uma seara primaveril de sequeiro, numa zona onde a irregularidade climática é flagrante. Está muitas vezes associado ao feijão e a seara faz-se em terra alqueivada ao rego, semeando um sim um não, ou mais frequentemente ao covacho.

As sementeiras são em geral pequenas, sendo pouco vulgares as de 1 hectare que dá em média 35 litros. Apesar da Junta Cadastral atribuir a estes lugares uma produtividade entre 15 a 40 sementes, os nossos apuramentos dão-nos uma média de 30.

O milho é lançado à terra em Março e sachado em Maio, cortando-se-lhe a bandeira quando a barba está negra, a qual vai servir de alimento aos animais e tornar mais rápido o amadurecimento do cereal.

A colheita tem lugar em Agosto, seguindo-se a descamisada e a debulha, que se faz nas eiras com a ajuda do mangual.

A aveia e a cevada, colhidas em verde, destinam-se quase inteiramente à alimentar os gados, sucedendo outro tanto ao centeio e ao fenacho.

B) Os produtos hortícolas

Disse algures Michelet, "...a cidade é um apelo do centro à periferia..." e compreende-se que a concentração de um milhão de habitantes, há-de forçosamente modificar todo o fácies agrícola e económico das regiões que lhe são vizinhas. Não há contudo aspecto tão evidente da sua influência, como a expansão que a cultura hortícola atinge nos arredores, pois não existe cidade por pou-

co importante que seja, cuja aproximação não fique denunciada pelos hortejos que a rodeiam e abastecem.

No que respeita à nossa capital, são tradicionais as suas hortas, as quais alargaram a primitiva mancha circunscrita aos campos limítrofes e se estendem hoje a todos os concelhos envolventes.

A este facto não ficou alheia a freguesia da Malveira, pois apesar das culturas de regadio não serem a expressão mais comum da sua vida agrícola, onde avultam as culturas de sequeiro, aparecem algumas manchas isoladas e dispersas o que dificulta a respectiva delimitação.

Não foi a freguesia muito dotada, no que toca ao sistema hidrográfico, apesar de atravessada por vários cursos de água, de regime irregular e inconstante. Secos durante a estiagem, quando o calor aperta a novidade morre à míngua da água, caudalosos no Inverno provocam o alagamento e a inutilização das culturas.

Enquanto nas vizinhas freguesias do Milharado, Mafra e Póvoa da Galega, a cultura hortícola apresenta-se com aspectos semelhantes aos de Loures, onde habitualmente ao feijão verde se segue o nabo de regadio, na Malveira e Alcaíça predomina sobretudo o nabo de sequeiro.

Mas, ao longo dos ribeiros, nos vales mais férteis, onde chega a água existe a horta, quase sempre perto das vias de comunicação para permitir um acesso fácil e económico à cidade ou à feira local. A água para a rega retira-se do poço com a picota, manejada a braço do homem, ou à nora puxada por animais.

Estes procesos de elevação de água, apesar de muitos antigos, são ainda os mais usados nas pequenas explorações familiares, o que limita o domínio da rega pois não a podem estender muito longe.

A freguesia da Malveira produz além do nabo sequeiro, grandes quantidades de favas, ervilhas, tomates, nabos, cenouras, repolhos, pepinos, pimentos e couves, produtos conhecidos por hortaliça. Cada espécie tem as suas épocas de cultivo e de produção, assim enquanto a fava e a ervilha atingem o máximo em Abril e Maio, o feijão verde e o tomate só apparecem no começo do Verão.

Apesar das hortas ocuparem na Malveira uma área muito limitada, os excedentes já em 1949 ultrapassavam os sessenta mil quilos, cifrando-se hoje em mais de cem mil, vendidos directamente ao público, na feira ou no mercado abastecedor de Lisboa.

O primeiro destes processos de venda suporta menos en-
cargos, visto ser na maioria dos casos o próprio produtor quem transporta os produtos em carroças ou em burros e os leva até à fei-
ra vendendo-os directamente ao consumidor, ou ao retalhista. O se-
gundo meio é menos lucrativo, pois além das despesas dos transpor-
tes há que contar com os mandatários (1), os quais efectuam as ven-
das e facturam-nas por preços, sobre os quais o dono não tem qual-
quer domínio. Contudo é ainda o único meio que permite uma coloca-
ção mais segura dos produtos, cujo o fraco poder de conservação e-
xige um consumo imediato. E o homem do campo, sempre que teme não
poder vender toda a mercadoria na feira, desembaraça-se dela envi-
ando-a para a cidade.

(1) - São intermediários que no mercado abastecedor de Lisboa, ven-
dem os produtos por conta dos proprietários, recebendo uma co
missão sobre a venda efectuada.

C) As forragens e os pastos

Como não existem prados na região, pois os terrenos mais ricos em água são ocupados, ou pelas hortas familiares ou pela cultura cerealífera, a alimentação dos gados tem em parte de se basear nas forragens cultivadas.

As condições climáticas da freguesia, permitem no entanto a cultura de um elevado número de espécies forrageiras: centeio, aveia, cevada, milho, nabo, bersim, fenacho, ervilhaca, beterraba e cizirão.

De todas estas espécies, destinam-se exclusivamente à alimentação do gado, a aveia, o centeio para ceifar em verde, o bersim e o fenacho, este último para ferrar, sendo muito apreciado não só pelas suas boas qualidades forrageiras, mas também pelas razoáveis searas que produz.

A vegetação espontânea tem também um real interesse na alimentação dos animais, pois além de servir de pasto, dá por vezes bons cortes.

O período mais importante para aproveitamento das ervas nascediças, é o que decorre desde os princípios de Novembro, até Março. Assim enquanto em Novembro as espécies mais cultivadas, salvo algum bersim e nabo mais temporão, não se apresentam ainda em estado de corte, as ervas muito especialmente o "trevo mau" fornecem já pasto ao gado vacum. Nesta época do ano muitas terras estão ainda livres, sobretudo as que se destinam ao trigo e à cultura sachada da Primavera, permitindo a pastagem dos gados.

Nos meses do Outono o "trevo mau" e as ervas "vaqueira" e "pata", são as espécies espontâneas dominantes, constituindo a alimentação verde do gado leiteiro da gente pobre.

Com a chegada da Primavera, as forragens espontâneas vão cedendo lugar às espécies cultivadas. Depois de realizadas as sementeiras do trigo - de Dezembro a meados de Janeiro - reduzem-se os pastos, circunscritos agora às terras destinadas à batata, ao milho e aos matos que cercam por todo o lado a região.

Há ainda outra época do ano, em que este tipo de vegetação assume elevado interesse como pasto; é depois das ceifas, quando o gado vai pastar nas restevas, aproveitando além do restolho dos cereais de pravana, as sementes e ainda algumas ervas, principalmente as verdizelas (*Convolvulus arvensis* L.).

3) A criação de gado

O homem, graças a uma acção domesticadora multimilenária, encontra no conjunto de animais, a que se dá o nome genérico de "gado", um manancial de produção e de trabalho muito importante. Deles obtém a carne, o leite e os seus derivados, produtos essenciais para a maioria das populações, a lã e a pele, que alimentam as indústrias. Prestam ainda com o seu trabalho, um precioso auxílio nas fainas agrícolas, servindo como meio de transporte, de gente e de mercadorias e para a produção de matéria orgânica, indispensável à fertilidade do solo.

Não é de admirar que numa freguesia como a Malveira, onde a agricultura, por forças de condições naturais, teve sempre fraco desenvolvimento, se encontre desde muito cedo ligada à exploração e criação de gado vacum.

É por isso, que nas rotações mais usadas, como vimos anteriormente, há sempre uma folha ou parte dela dedicada à cultura dos ferrejos para os animais.

A partir dos dados obtidos nos arrolamentos de gados, podemos construir o Quadro nº 3, onde se verifica o aumento do número de cabeças de gado da freguesia.

QUADRO Nº.3

ANIMAIS	ANOS									
	1870		1925		1934		1940		1955	
	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2
Cavalar	—	179	—	526	22	5047	16	4791	10	159
Muar	—	240	—	402	22	544	23	519	12	199
Asinino	—	1175	—	3229	104	352	113	445	75	2938
Bovino	—	2022	229	4442	337	4313	441	3824	335	6912
Ovino	—	6487	—	8436	195	5818	139	6255	112	6110
Caprino	—	925	—	1388	197	6773	72	7201	29	492
Suino	—	639	—	3576	116	1741	426	1312	651	4515
Galináceos	—	—	—	—	2817	23835	2929	51550	3763	65771

Nota-se um acréscimo de cabeças de 1870 a 1925, sendo significativo o número dos asininos e bovinos.

As diferenças observadas no número dos porcinos, têm quanto a nós um significado social importante. Dado que no concelho de Mafra, era e ainda é hábito, de cada família rural criar um porco

Nota:

Os números 1 e 2, referem-se respectivamente aos valores da freguesia da Malveira e ao concelho de Mafra.

para consumo próprio, um aumento de 2.937 cabeças no espaço de cinquenta e cinco anos, parece dar-nos a entender que se começou a caminhar para uma estrutura agrária com base em numerosas empresas familiares (1). Enquanto no século passado a média de suínos por habitante era inferior a 1, em 1950 atinge quase os dois.

Depois das duas guerras mundiais, o valor dos produtos da terra em paralelo com o desenvolvimento da cidade de Lisboa e o consumo do leite e manteiga, é cada vez maior. Estes factos vão não só intensificar a recria de bovídeos, como o desenvolvimento da produção do leite.

Era sobretudo a pequena unidade agrária, que tirava os maiores benefícios do gado turino, pelo que o efectivo deste foi aumentando.

O leite principiou a ter maior procura com o desenvolvimento dos transportes e embora de início os preços fossem baixos e nem sempre certa a sua venda, o pequeno proprietário ia tendo algum ganho diário. Este lucro associado ao da recria, vinha aumentar os magros rendimentos e além disso o solo empobrecido, precisando dum rotação mais larga e melhorada, beneficiava das constantes alternações do trigo com o milho, a aveia ou cevada e por vezes a fava.

Mas apesar do aumento de cabeças do gado leiteiro, verificou-se uma quebra nos últimos anos, em virtude do aumento das rações e do baixo preço da venda do leite de que nos ocuparemos mais adiante. A freguesia possuía em 1955, 0,27 cabeças de bovinos por hectare e 0,3 cabeças por hectare de área agrícola, sendo 0,5 o nú

(1) - O aumento de empresas familiares foi fortemente impulsionado pela lei que dava ao enfiteuta o direito de remissão do foro.

mero de animais por família. Embora não tenhamos valores para o ano de 1965, podemos afirmar ter-se alargado a exploração destes animais, pois só adultos existiam 173 (1).

A percentagem de bois de trabalho em relação à de bovinos leiteiros é reduzida, porque com a mecanização da lavoura, o tractor substituiu quase totalmente os animais de trabalho, ficando as tarefas mais leves a cargo da própria vaca.

Os equídeos, os muares e asininos, empregados para carga e tracção, têm perdido a importância na medida em que se desenvolveram os transportes mecânicos.

Encontramos também alguns rebanhos de ovinos e um reduzido número de caprinos, apesar do decréscimo observado no gado lanígero. Estes animais, excluindo a obtenção de carne, fornecem a lã e o leite, utilizado na indústria caseira do fabrico dos queijos.

Como sucede em quase todo o país, encontramos na freguesia da Malveira duas grandes categorias de gado: o grosso e o miúdo. Do primeiro importa referir o bovino, o muar, o cavalari e o asinino, quanto ao segundo faremos referência aos ovinos, caprinos, suínos e animais de capoeira.

A) Gado grosso

a) Gado bovino leiteiro

Julgámos de interesse destrinçar os bovídeos de trabalho dos leiteiros, pela actualidade que têm as suas explorações, pois fomentaram um incremento da produção do leite nesta freguesia.

(1) - Número de animais tuberculizados com mais de 18 meses. Valores gentilmente cedidos pelos senhores Dr. Couto e Pereira de Matos da Direcção-Geral dos Produtos Pecuários.

É dos bovinos leiteiros que nos ocuparemos agora mais detalhadamente, deixando os outros para depois.

O gado leiteiro da região é quase todo de raça turina, em geral de boa qualidade e, enquanto nas freguesias próximas vive todo estabulado, aqui cria-se em regime de semi-estabulamento, saindo pois com frequência ao pasto. O lavrador saloio tira todo o partido deste dócil animal, explorando a cria e a recria, o leite, o trabalho e até em reduzido número, a vaca é explorada simultaneamente como animal de engorda e produtor de leite.

Normalmente os animais, quando criados em casa são adquiridos ainda novos, bezerras ou vacas de primeira barriga e vendem-se dois ou três anos mais tarde para as vacarias do termo de Lisboa; portanto quando valem mais dinheiro. A exploração é na maioria das vezes feita em regime de parceria, que tem aqui o nome de "gado de meias" e realiza-se sobre contracto sempre verbal.

O recriador é em regra um casaleiro com filhos pequenos que aproveita no apascentamento do gado e na apanha da erva. Quando quer criar, procura um comerciante do ramo que lhe põe em casa uma ou duas vacas por determinado preço.

Existem na freguesia dez talhantes e trinta e oito negociantes de gado (1), dos quais só nove movimentam valores colectáveis inferiores e mil escudos, os restantes atingem algumas dezenas de contos, ultrapassando por vezes a centena. São estes comerciantes que mandam para o tratador meeiro, as vacas em gestação ou já no princípio da produção de leite. Quando mais tarde as vendem, o lucro é dividido a meias, bem como as despesas e o produto da venda das crias, mas o leite e o estrume pertencem ao tratador.

(1) - Valores gentilmente cedidos pelo senhor Resina, chefe da Secretaria da Câmara de Mafra.

O valor duma vaca oscila entre os cinco e os sete mil escudos, de acordo com a qualidade e o tempo de vida do animal, pelo que as cifras indicadas pretendem dar unicamente uma idéia geral, pois na feira encontramos gado de todas as idades.

Esta exploração constitui quase uma lotaria, para além dos riscos de morte suportados sempre pelo fornecedor, pois os preços sofrem grandes e bruscas oscilações, em virtude da influência de variados factores, como a existência dos pastos, preços das rações e valores das carnes.

Explora-se também a recria e neste caso a criação das vitelas faz-se a partir de tenra idade. Nascidas em casa, com oito ou quinze dias, para serem aleitadas, o seu preço orça por mil escudos. O pequeno lavrador sente prazer em criar este gado, por uma razão económica. A vitela desmamada vende-se por mil e quinhentos escudos ou mil e setecentos e constitui um mealheiro onde se guarda o trabalho da mulher e dos filhos.

Nos primeiros dias o animal é alimentado só a leite, mas aos poucos substituem-no por uma beberagem, à base de água e farinha e ao cabo de algum tempo, na maioria dos casos umas semanas apenas, vende-se por mais quatrocentos ou quinhentos escudos, realizando capital sem ter com isso dispendido soma de grande importância.

Outras vezes, não se planeia a altura da venda, a vitela vai-se criando, transforma-se em bezerra, sempre com poucos ou nenhuns cuidados, até ao dia em que a escassez da forragem ou a precisão de dinheiro obriga a família a desfazer-se do animal.

Normalmente procuram-se as seguintes idades para transacionar bezerras; entre os 3 e os 6 meses, altura em que já comem de tudo, cerca dos 12 meses quando ficam aptas a serem cobertas e por

volta dos 2 anos, se estão próximas a ter as crias ou já afilladas.

A maior parte dos casaleiros que criam vitelas, obtêm-nas em regime de parceria e só mais raramente por conta própria. Outra o sistema de exploração era semelhante ao da vaca, pelo processo "de meias", actualmente usa-se a "terça". Neste caso o parceiro fornecedor ou "dono", entra com o dinheiro para o animal e corre o risco da morte do mesmo, enquanto que o tratador suporta os encargos da alimentação.

Quando se vende a rês, o dono recebe a importância do valor inicial e um terço do excedente, cabendo o restante ao criador. Realizado o negócio, este traz para casa novo animal, nas mesmas condições, não investindo o dinheiro do lucro na sua aquisição por recear a morte, ou porque em geral essa quantia já está cativa de créditos.

A exploração de carne e leite tem-se generalizado, sobretudo nas unidades agrícolas de maior importância, em parte administradas por negociantes de gado, que compram vacas de idade avançada em muitas feiras do país, nomeadamente na Beira Litoral, no Alentejo e na Serra Algarvia.

Estes animais ficam perto de um ano, estabulados com farta alimentação, até criar carnes. Vão pastar ao inculto, mas geralmente mantêm-nos dentro dos "cercados", a que já fizemos referência, para não se dispersarem nem perderem peso. Logo que o estado de carne é suficiente e a produção de leite diminuta, vende-se a rês para o açougue.

A exploração do touro, faz-se tendo em vista a função reprodutora, ou o abate depois de convenientemente engordado.

b) Gado de trabalho

Dentro desta moralidade encontramos os bovinos de trabalho, mais conhecidos na região por bois da terra. Pertencem à raça "mirandeza", possivelmente sub-raça "beiroa", quer pela cabeça estreita e côr acastanhada, quer porque a maioria provém das Beiras.

Neste sistema de exploração inverte-se a forma de adquirir o gado e as poucas juntas de bois que ainda existem foram compradas directamente pelos donos. De facto, com a introdução das máquinas, perdeu-se a pouco e pouco o gosto de criar e de manter estes animais, os quais se adquirem ainda muito novos, entre os 5 e os 8 meses na feira local.

Estes animais alimentam-se de erva, palha de trigo, milho e fenacho e enquanto se criam vão prestando serviços à lavoura dos próprios donos, ou nos trabalhos alheios, quando contratados para isso.

O uso muito corrente dos tractores, deve-se em boa parte à rapidez com que executam as tarefas agrícolas, feitas outrora pelos homens e pelos animais, os quais levavam muitos dias de trabalho. E como o velho processo de lavrar a terra com os bois e o concurso do arado, sobrecarregava as despesas da exploração agrária, houve que substituí-lo pela máquina, mas há ainda muitos proprietários que o preferem, sobretudo se as terras têm acessos difíceis ou grandes declives.

É vulgar depois de caídas as primeiras chuvas Outonais, ouvirem-se por estes requebrados lugares os suaves sons dos chocalhos, pendentes nos pescoços dos animais e o cantarolar lânguido do lavrador debruçado sobre a rabiça do arado, que aos poucos vai sulcando a terra.

Nos lugares mais pobres e isolados, o amanho das courelas faz-se com a ajuda da vaca leiteira, prejudicando o animal e desviando-o do fim para que foi criado.

Em 1937, uma junta de vitelos para recria, com 6 ou 7 meses, custava à volta de mil e seiscentos escudos e vendia-se com 4 anos, entre os quatro mil e quinhentos e os cinco mil escudos. Quase vinte anos volvidos, devido ao crescente aumento dos preços da carne, os vitelos custam quase sete vezes mais. E quando depois de utilizados os seus serviços, o lavrador se desfaz das reses, vende-as por uma quantia superior à da compra, em regra entre doze e dezasseis mil escudos, recebendo algum lucro que compensa largamente o trato alimentar.

Há ainda a ter em conta como gado de trabalho, os cavalos e os muares, tão generalizados na região, apesar do seu número ter diminuído nos últimos anos, devido à introdução doutros meios de transporte. Contudo ainda hoje se empregam como animais de sela, carga e tracção de pequenos carros e carroça.

Em épocas recuadas, a região gosava da fama de grande produtora de gado cavalari de esplêndida qualidade. Era tão grande a reputação dos equídeos aqui criados, que PLÍNIO se referiu algures às éguas do termo de Sintra (1), como "...animais que concebiam do vento...", tão boa era a sua casta e destreza dos seus descendentes.

Como animais de tiro, há que referir o gado asinino, rústico, sóbrio, de pequeno custo inicial e indicado para companheiro de trabalho duma população pobre e para um solo parcelado como é o da freguesia. Serve para tudo, prestando inúmeros serviços à mo

(1) - O termo de Sintra estendia-se até à cumeada de serras da região da Malveira, estando esta povoação incluída nele.

desta lavoura local. Predomina a fêmea, pois para além do trabalho realizado, vai garantindo a sequência sem quase outro dispêndio que o do tempo.

B) Gado miúdo

Entre o gado miúdo, avulta sobre todos os tipos a criação de ovinos. As espécies que mais se vêm na feira, portanto as mais apreciadas pelos compradores são: a "algarvia", a "alentejana", o "merino", o "caréo", o "brusco", a "inglesa", a "espanhola", a "santa cita", a "braganceira", a "churra", a "coimbreira" e a "francesa".

Durante o dia pastam por onde podem, muitas vezes nos matos que cobrem as serras em conjunto com os bovídeos, satisfazendo deste modo o seu estômago pouco exigente. À noite recolhem a casa em caminhadas pelo pastor profissional e pelo cão de guarda, ficando sob qualquer telheiro de sociedade com a burra e a vitela (1).

Constituem um auxiliar de relativa importância económica, pois sem grande dispêndio, fornecem a lã e o leite.

O número de cabeças por rebanho varia, distribuindo-se os ovinos por pequenos agrupamentos, que em geral não ultrapassam os cem animais, mas existem vários com algumas centenas.

Está também generalizada a criação duma ou duas ovelhas, que como cães acompanham o dono à fazenda onde pastam, enquanto aquele trabalha.

Do gado caprino, existe um ou outro pequeno rebanho e umas cabras isoladas. À medida que se deu o repovoamento florestal

(1) - Este convívio dá origem a um crescimento mais rápido na dentição dos asininos e bovídeos, fazendo-os aparentar uma idade que não possuem, o que desvaloriza os animais na feira.

e se procedeu à arroteia das terras para cultivo dos cereais, houve necessidade de se reduzir a criação destes ^{animais} propensos a desvaster tudo que encontram pelo caminho.

O gado suino criado aqui exclusivamente à pia, alimenta-se dos restos da cozinha, como batatas, cascas de ervilha, fava, restos de comida e de sopa, misturados com quartos de abóbora, fruta podre, água e um pouco de farelo. É esta a sua habitual alimentação, conhecida pelo nome de "lavadura".

O porco mantém-se enquanto há que lhe dê de comer e a "matança" ocorre a partir de Outubro, sendo a carne conservada em "salgadeiras" e em enchidos, para consumo da família.

O aparecimento da peste suína, difundida pelo país, reduziu a criação do porco e fez proibir o seu comércio na feira local. Os comerciantes deste ramo, têm por isso de se deslocar a outras feiras para obter este gado. Um dos mercados mais frequentados é o que se realiza na Encarnação(1), freguesia do concelho de Mafra, situada a NW. da Malveira, onde aparecem grandes quantidades de porcos de várias raças, sobretudo da "yorkshire", "torreano" e em menor número o "alentejano".

Os animais compram-se à desmama junto das mães, ou de preferência com seis meses e mais, porque nesta idade a recria é mais lucrativa, principalmente se o animal se destina a vender para o talho ao qual dão o nome de "porco de corda" (2).

Resta-nos dizer alguma coisa sobre os animais de capoeira. Dominam os galináceos cuja criação se tem desenvolvido nos últimos tempos, notando-se um aumento progressivo do seu número, de-

(1) - Este mercado tem lugar no primeiro domingo de cada mês.

(2) - Dá-se-lhes este nome porque são conduzidos à feira presos por uma corda.

vido em parte à procura dos ovos e da carne, para abastecimento da capital.

Todas as quintas-feiras, no lugar habitual, encontramos mais de setenta vendedores de criação. A maioria são casaleiros das proximidades e regatões (1), que ocorrem à feira para negociar a mais das vezes aos retalhistas da cidade.

Este gado alimenta-se com cevada, milho e vive preso no pátio da casa, constituindo o mealheiro da mulher ou a solução mais económica para quando nada mais há que comer. Recentemente estabeleceram-se ali dois aviários, onde se criam grandes quantidades de galinhas, que depois de engordadas se vendem para os restaurantes da cidade. Estes animais de raça especial, desenvolvem-se e adquirem peso em poucas semanas, mercê dum tratamento adequado, deixando apesar das despesas, lucro compensador.

Os coelhos são também numerosos, tal como os pombos, enquanto que os patos e perús são poucos.

4) Comercialização dos produtos

São várias as modalidades de comércio, usadas para transacção das principais produções agrícolas da freguesia em estudo e das quais nos ocuparemos seguidamente.

O homem do campo vende o trigo, que constitui o produto de maiores excedentes, ao Grémio, o qual como delegada F.N.P.T. (2)

(1) - São negociantes deste ramo que percorrem as aldeias mais próximas comprando ovos, aves e coelhos, para vender na feira.

(2) - Federação Nacional dos Produtores de Trigo.

lhe dá o devido destino. Fica em casa somente o suficiente para os gastos e também com aquele que quer negociar com os moleiros da região.

Os restantes cereais (grão, aveia, fava), utilizados na alimentação dos gados, têm baixa cotação no mercado. Para comercializar estes produtos, levam-nos à feira ou vendem-nos a comerciantes ou comissários (1), que existem espalhados em número elevado pelo concelho. Muitos chegam a comprar a novidade ainda na terra, sem estar completamente amadurecida, a qual por sua vez é mais tarde vendida a outro comerciante, o armazenista.

Em regra, os produtos em regime do comércio livre sem mercado certo, têm mais do que um intermediário, sendo mal pagos ao produtor, sobretudo como é o caso mais dominante na região, se ele explora reduzida área e por conseguinte tem poucas posses.

O grande e o médio proprietário utiliza as colheitas nas suas próprias explorações, ou entra em contacto directo com o negociante ou o armazenista. Outras vezes, eles próprios são comerciantes, vendendo em muitos casos directamente ao consumidor.

Uma parte do comércio das hortaliças faz-se na feira, que aqui tem lugar todas as semanas e os excedentes enviam-se para o mercado abastecedor de Lisboa, como já tivemos ocasião de referir na pág. 49.

A venda do leite (2), tão sobrecarregada nos primeiros tempos pela exploração dos intermediários, ficou em parte solucionada em 1953, com a entrada em vigor com Decreto-Lei nº.39 178, pe-

(1) - São intermediários que se encarregam da compra dos produtos, recebendo em troca uma percentagem.

(2) - O artº.1º. do Decreto 36 974, estipula que a designação genérica de "leite", será aplicada exclusivamente ao leite de vaca e dos outros animais terá a designação da fêmea produtora.

lo qual, a recolha passou a ser feita por organismos associados, como o Grémio da Lavoura ou a Cooperativa Leiteira de Mafra a ele adstrita. Esta medida impediu o comércio dos ajuntadores e provocou um aumento do número de sócios inscritos na Cooperativa, que pagava em 1952 ao produtor 2\$00 por litro.

Anteriormente já tinham sido promulgados os decretos - leis, nº 28.974 de 29 de Agosto de 1938, primeiro diploma importante relativo à produção e comércio de leite e o de 17 de Julho de 1948 (1), nº 36 937, coordenando os preços entre a origem e o consumo, de forma a estimular o interesse e as melhores condições de produção.

Este último decreto, no artº. 3º., confere às Câmaras Municipais o "...direito de instalar centrais pasteurizadoras ou leiteiras destinadas ao tratamento, acondicionamento e distribuição, para venda a retalho do leite para consumo público...".

Posteriormente tomaram-se outras medidas em defesa do consumidor e do produtor. Para o primeiro, entraram em funcionamento as centrais leiteiras e a grande central pasteurizadora de Lisboa, onde se concentra e analisa o leite; para o segundo instituiu-se a Cooperativa Agrícola dos Produtores de Leite, que disseminou por toda a região numerosos postos de recepção.

O preço do leite baseia-se na quantidade de bactérias existentes no produto, mediante uma prévia análise e de que resultam quatro tipos: o de indústria (2), o de consumo, o pasteurizá-

(1) - Este decreto estabelece que a quantidade de leite entregue nos postos de recepção, será o factor predominante da sua a valiação para o pagamento ao produtor.

(2) - Leite sujo, impróprio para consumo; serve para fabricar iogurte e queijos.

vel (1) e o especial (2), pagando a Cooperativa respectivamente por cada litro 1\$40, 2\$00, 2\$40 e 3\$50.

Pode-se verificar que no espaço de catorze anos, o preço pago ao produtor pouco ou nenhum aumento sofreu, apesar das despesas feitas com a alimentação dos animais serem cada vez maiores. De facto a introdução de rações concentradas (3) e forragens especiais, permitiram um aumento da produção leiteira, mas tornaram-na também mais dispendiosa, pelo que só uma subida nos preços, poderá satisfazer os produtores e contribuirá para o desejado aumento do leite.

Apesar dos entolhos, o produtor confia na Cooperativa que lhe assegura a compra e o pagamento regular à dezena (4). Fornece-lhe ainda por intermédio dos seus funcionários, assistência técnica e sanitária, bem como uma recompensa em dinheiro no fim de cada ano, aos que pertencem ao quadro (5), não só como prémio do seu esforço mas como estímulo para uma melhor produção.

-
- (1) - Da gordura deste leite, extraem-se as natas e a manteiga.
 - (2) - Este leite é conhecido por Vigor e a sua qualidade reside na técnica aperfeiçoada da ~~mungição~~ **mungição**. De facto o leite sai do úbere do animal directamente para as câmaras figuríficas por meio duma aparelhagem especial, afim de evitar qualquer contacto com o ambiente. Existem em todo o país apenas uns 15 a 18 produtores deste tipo de leite.
 - (3) - Uma saca de farinha custa 130\$00 e um fardo de palha 20\$00 e dão apenas para alimentar uma vaca durante cerca de dez dias.
 - (4) - O pagamento é feito no próprio posto de recolha.
 - (5) - O produtor do quadro é aquele que ao longo do ano vende sempre leite do tipo pasteurizável.

5) A feira semanal

A) Origem e desenvolvimento

As feiras ou grandes mercados que se realizavam em certas épocas, desempenharam uma função muito importante no comércio dos produtos locais e foram uma consequência infalível das necessidades das populações, corrigindo deste modo a falta de meios de comunicação fáceis e rápidos.

Existem desde há muito, devido às transformações económicas sofridas por uma região, acusando a sua existência todos os povos que por elas passaram. Já na Antiga Grécia, o mercado era o ponto central. Situava-se no meio das cidades, ou próximo dos portos, no local onde tinham lugar os grandes actos da vida colectiva. As feiras tão vulgares naquele país, tiveram uma função idêntica à dos mercados e realizavam-se quando das festas ou durante os jogos(1).

Desta mesma idéia compartilha VILLA-NOVA PORTUGAL, ao admitir que a diferença basilar entre mercado e feira, reside no facto desta última, não ter a frequência da primeira e realizar-se em determinadas épocas, em geral afastadas (2).

De facto com o avanço da agricultura e o consequente aumento dos seus produtos, bem como o acréscimo populacional, provocaram não só um consumo contínuo dos géneros de primeira necessidade, como fomentaram o desenvolvimento dum maior número de reuniões comerciais de reduzido âmbito.

(1) - AMZALAK, M. Bensabat - ob. cit..

(2) - PORTUGAL, Thomaz Ant^o Villa-Nova - ob. cit., tomo II, pág.1 a 15.

Com a melhoria dos transportes e das vias de comunicação, que passaram a dispor de maior segurança, o comércio deixa de precisar dos privilégios concedidos às feiras. Assiste-se então ao aparecimento de numerosos mercados, os quais se difundiram por toda a Europa, sobretudo a partir do século XII, apesar de terem tido início no século IX.

Estas novas reuniões comerciais, apesar do carácter restrito que apresentam, vão permitir o abastecimento mais frequente das populações rurais, enquanto que as feiras continuam a manter um âmbito mais vasto, mas uma menor frequência na realização.

Em Portugal as feiras e os mercados são antiquíssimos e a despeito da opinião de COELHO DA ROCHA, de que foi D. Afonso III, o primeiro rei que as instituiu, o certo é que já se realizavam no século XIII, para não dizer antes, como testemunham os diversos forais.

A partir da segunda metade do século XIII, como muito bem anota GAMA BARROS, a instituição das feiras, a julgar pela frequência dos diplomas que lhes dizem respeito, toma incremento no nosso país. Deste facto se apercebeu também VIRGÍNIA RAU, que nos indica o nome e os lugares onde se realizavam, bem como os diplomas régios que as criaram.

É dessa época a feira anual de Torres Vedras, instituída por carta de 20 de Março de 1293 (1), e que ainda hoje se efectua pelo S. Pedro.

A frequência da realização dos mercados rurais é variável, pois podem ter lugar apenas uma vez por mês, de quinze em quinze dias e só mais raramente todas as semanas. Incluído nestes últiu

(1) - Esta feira foi criada por D. Dinis e de início tinha lugar de 1 de Maio a 1 de Junho; mas em 1318 modificou-se-lhe a data da realização e passou a ser de 1 de Junho a 1 de Julho.- V. Rau - ob. cit., pág. 90 e 91.

nos encontra-se o da Malveira, que exerce um duplo efeito, pois além de promover o abastecimento do povo possui também uma função centrífuga, permitindo a saída dos produtos da área sobre a qual exerce a sua influência. É correntemente conhecida por "feira da Malveira", pois o povo na sua linguagem chama feira a toda a reunião comercial onde se transaccione gado, seja qual fôr o número de vezes que esta se realize.

Nas regiões grandes produtoras de animais ou nas que precisam dele para o trabalho, são indispensáveis estas feiras, pois constituem um único meio posto à disposição dos homens para commerciar os gados.

O desenvolvimento dos transportes veio fomentar um aumento de afluência de gente, proveniente dos mais recôndidos lugares, que vinham vender e comprar reses, aproveitando para negociar outras mercadorias. Deste modo a feira passa a ter, na maioria dos casos, as características dum mercado rural.

A este facto não se esquivou a feira da Malveira, cuja data exacta do início não podemos apurar. Segundo as informações colhidas, as quais nos merecem crédito, o seu começo ocorreu no ano de 1830 (1), sendo portanto posterior à criação da feira de ano, concedida por privilégio real de D. Maria II, outorgado a 14 de Dezembro de 1782, como já referimos no capítulo II.

Para dar uma maior solenidade à festa de N. S.ª dos Remédios, a população deste lugar reclamou da rainha a concessão dum feira livre de direitos, a realizar no local onde existia a ca-

(1) - Estas informações foram-nos fornecidas por pessoas idosas e confirmadas posteriormente pelo Sr. Eng.º Canas Martins, descendente dum dos fundadores desta feira.

pela em honra do mesmo orago, pois que "...era útil ao culto da imagem que os povos acorressem com mais vontade a comprar e a vender como se fazia nas mais feiras que eram livres. Vista a informação do ouvidor da Comarca de Alenquer ...", a que pertencia esta localidade e "...ouvidos os oficiais da Câmara, nobreza e povo da vila de Cintra..." (1), a rainha consentiu na sua realização, mas a 26 de Março de cada ano e sempre que este dia fosse santificado passar-se-ia a realizar no seguinte. Esta condição pouco tempo durou, pois os moradores da Malveira ainda se lembram da feira de ano ter lugar a 25 de Março, apesar desta se ter deixado de fazer vai para uns trinta anos.

Posteriormente, em 1830, duas famílias, Canas e Resinas, que possuíam avultados bens na região e havia muito negociavam grandes quantidades de gado, resolveram reunir os seus animais à quinta-feira de manhã no centro da Malveira, num sítio denominado Campo da Feira, para discutir e fixar o preço das reses que nessa mesma tarde deviam seguir para o matadouro de Lisboa, onde na sexta-feira se procedia à matança.

Assim começaram a afluir a este lugar, não só animais dos abastados comerciantes como dos pequenos proprietários das vizinhanças, generalizando-se com o decorrer dos anos o gosto pela criação de gado e pelas transacções, de tal modo que grande parte da população malveirense vive do comércio, sendo raro encontrar uma família que não tenha alguns filhos neste ramo de actividade ou nos dos produtos afins.

Reuniam-se aqui grandes quantidades de animais destinados a abate, em número superior ao de hoje, pois muito gado não che

(1) - A.N.T.T., Capelas da Coroa. Capela de N.S. dos Remédios - Livro I.

ga já a passar pela Malveira, sendo vendido directamente do local de origem para os matadouros.

Contudo é nesta feira que ainda se forjam os preços de venda e se fixam os valores das carnes dos animais, funcionando portanto como verdadeira bolsa (1).

É uma das feiras semanais de gado mais importantes do país, conhecida pelos marchantes, muitos dos quais vivem aqui(2) ou próximo, nomeadamente nos concelhos de Sintra, Loures, Cascais, Lisboa e Mafra.

Uma grande parte do gado para recria e abate, comercializado nas feiras da Beira Litoral, do Alentejo e do Algarve, é conduzido para a Malveira, aparecendo nela todas as quintas-feiras bois e vacas das mais diversas raças, desde a minhota, mirandesa, arouquesa, alentejana, barrosã, turina, ao gado de cruzamento de Marrocos e das Ilhas, sobretudo dos Açores.

Além dos bovídeos, acorrem também para feirar os caprinos, os ovinos e até há pouco os suínos (3).

Esta aglomeração semanal de gado atraiu grande número de comerciantes doutros ramos, que expõem os mais variados produtos, como frutos, sementes, plantas e hortaliças nas épocas próprias, artefactos de serralharia com aplicação na agricultura e ainda calçado, roupas e quinquilharias.

-
- (1) - Em 1942, ano da inauguração na freguesia da filial do Banco Nacional Ultramarino, transaccionaram-se em gados o equivalente a setecentos e cinquenta mil contos.
- (2) - Moram presentemente na Malveira 48 negociantes de gado. Valores cedidos pela Câmara Municipal de Mafra.
- (3) - Com o aparecimento da "peste suína", vai para cinco anos e como medida de protecção, foi proibido o comércio destes animais. Crê-se que logo que a doença esteja completamente debelada, se voltará a negociar legalmente os porcos, os quais à margem da lei se continuam a vender aqui apesar de tudo.

Devemos incluir esta reunião comercial no tipo das "grandes feiras" (1); tanto de bovinos, pois apesar da escassez de elementos concretos apresenta em média mais de cinco centenas de cabeças de gado, como de roupas, calçado, artigos domésticos e agrícolas, porque atrai também mais de uma centena desses comerciantes (2).

Houve em diversas ocasiões tentativas para acabar com esta feira (3), porém tal facto nunca se verificou, tornando-se ao contrário cada vez mais concorrida, quer por aqueles que negociam quer pelo povo que aproveita para nela comprar e vender além das reses os produtos da sua lavra.

B) A feira

a) Generalidades

Como acabámos de ler todas as semanas tem lugar nesta freguesia uma feira, das maiores da Estremadura e a mais importante no que respeita ao comércio do gado bovino (vacas turinas e vitelas), alguns animais de trabalho e grande quantidade de reses para abate.

Rapidamente ganhou importância como local de venda de animais. Destinava-se de início a abastecer de carne a cidade de Lis

(1) - Classificação proposta por J.M.Barbosa Gaspar.ob.cit.,pág.47.

(2) - Estes valores são médias obtidas através dos vários inquéritos que realizámos em muitas feiras. Números concretos é impossível de dar, pois sofrem alterações ao longo do ano, estando sujeitos ao movimento do calendário anual de feiras e mercados.

(3) - A Câmara Municipal de Lisboa, nas sessões de 17 e 21 de Fevereiro de 1859, propôs a transferência desta feira para Santo rêm, mas desistiu mais tarde de tal intento. Anais do Município de Lisboa (1859),n.º.27, pág.227/229.

boa (1), mas hoje além desta, fornece os matadouros de Sintra, Oeiras e Cascais.

Aos poucos estendeu o seu raio de acção a todas as zonas produtoras de bovídeos de tal modo que as oscilações comerciais aqui verificadas, exercem notável influência no movimento e na transacção dos gados de muitas feiras do país.

Quando, ao conversar com alguns marchantes, indagávamos os lugares mais frequentados nas suas andanças comerciais, concluía-nos através das respostas, um tanto ambíguas, conhecerem profundamente, não só muitas das feiras da Beira Litoral, do Alentejo e do Algarve, em virtude da frequência com que as visitam, mas também as oscilações do seu comércio, tirando a miúdo proveito delas.

Este facto vem já referido no livro "AS FEIRAS DE GADO DA BEIRA LITORAL" que consta da nossa bibliografia, onde se aponta a afluência de comerciantes destessítios, à feira dos 3 de Ferreira e à de Ovar. Mas a influência da Malveira não se exerce apenas nestas, mas em muitas outras feiras e em ritmo cada vez maior, pois para além das importantes transacções de gado nela efectuadas, funciona ainda como "bolsa", sendo por isso conhecida entre feirantes pela "Malveira dos bois".

Todas as semanas, num vasto largo denominado Campo da Feira, muito próximo da estação de caminho de ferro e do cruzamento das estradas, os comerciantes expõem os produtos para venda. Esta faz-

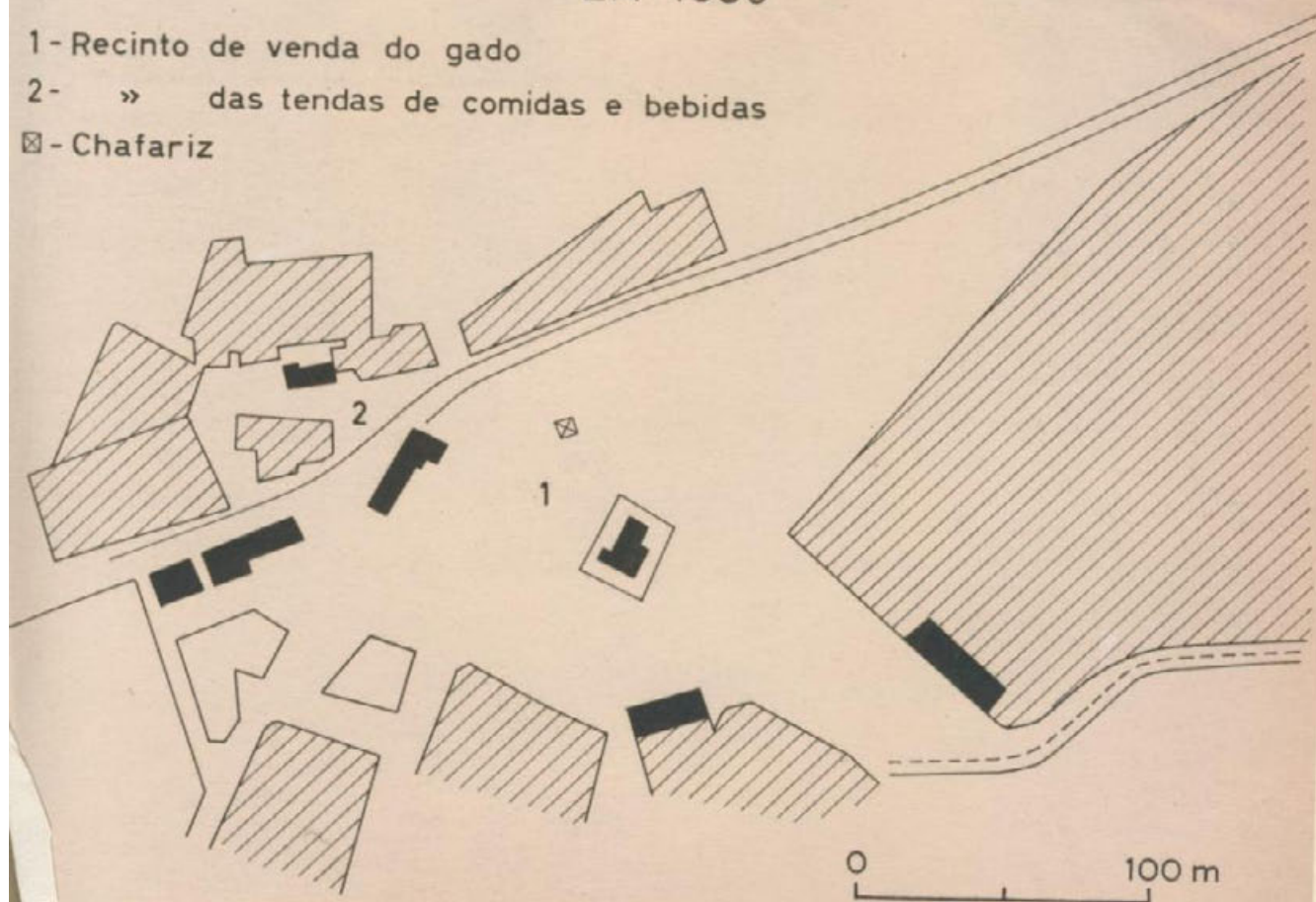
(1) - A Câmara Municipal de Lisboa em 1864, mandou publicar o "... preço médio da carne no mercado da Malveira...". Esta deliberação que se compria desde 6 de Fevereiro de 1862, com o preço a 2\$85 réis a arroba, verificou-se até 10 de Dezembro de 1863, em que o quilo de carne foi a 180 réis. Arquivo Municipal de Lisboa, nº. 111 de 1862 e nº. 469 de 1863.

-se em três recintos contíguos: um dedicado só a bovinos e gado grosso, outro para o gado lanífero e um terceiro, que é de todos o mais amplo, onde se vendem as restantes mercadorias.

No início da feira como vimos transaccionavam-se apenas os gados. Os animais reuniam-se junto ao velho chafariz com bebedouro, que ainda existe no local, enquanto os homens discutiam os preços. Do outro lado da estrada, que limita a norte o Campo da Feira, no sítio das quinquilharias e plantas para dispor, armavam-se outrora algumas barracas, muito poucas, de comes e bebes. Era nelas a mais

ESBOÇO DO SÍTIO ONDE SE REALIZAVA A FEIRA EM 1830

- 1- Recinto de venda do gado
- 2- » das tendas de comidas e bebidas
- ☒ - Chafariz



das vezes que se concluíam os negócios iniciados junto aos animais.

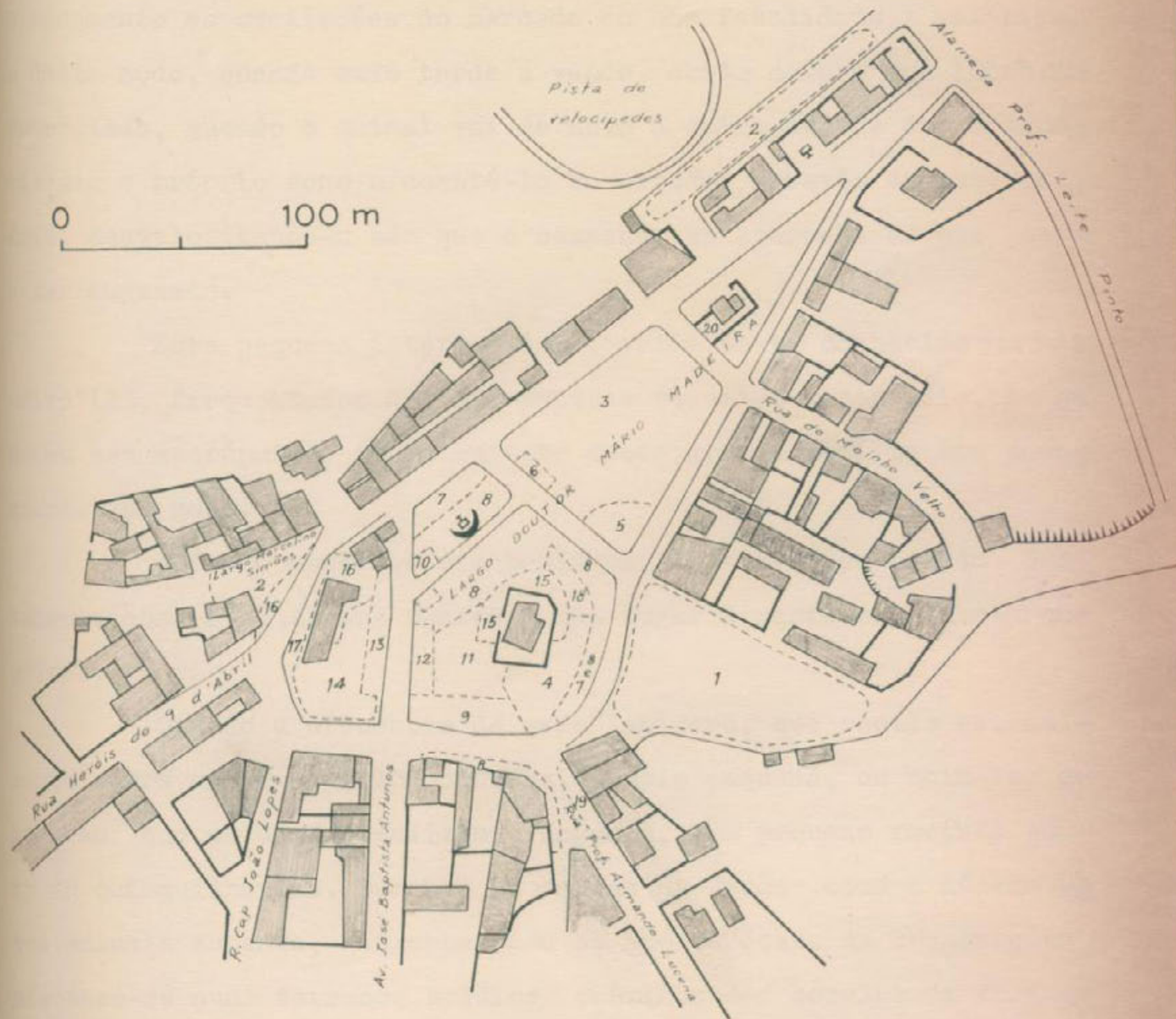
Em consequência do prestígio grangeado pela feira da Malveira, começaram a correr feirantes dos mais diversos ramos e houve necessidade de alargar o recinto primitivo.

Os gados passaram a ser vendidos em recinto próprio, num terreno baldio que existe junto da estrada Lisboa-Porto e não muito longe da estação do caminho de ferro. Contudo, este lugar possui menos acomodações que o primeiro, pois nem sequer tem um bebedouro para saciar a sede das reses, enquanto esperam pachorrentamente ao sol a conclusão do negócio.

Na feira fazem-se quase todos os contactos entre o criador, o lavrador e o talho, através duma vasta rede de intermediários. O criador em regra um fazendeiro de poucas posses cria gado de meias, as vacas e de terças, as bezerras. O médio e o grande proprietário, dono de muitas terras que amanha bem como a dos alheios mediante renda, possui muitos animais que cria e vende directamente para o talho, ou por ser gente de teres dedica-se também ao comércio dos gados, que exige sólidos e largos cabedais.

Os menos abastados constituem o grupo dos pequenos comerciantes, negociando em vitelas e bezerras. Depois vem a classe privilegiada dos grandes mercadores, os marchantes e contratadores, que nas deslocações quase diárias de feira em feira, percorrem todo o país, comprando aqui vendendo ali, sempre na mira do lucro. Na melhor das hipóteses adquire animais para si ou para abate, mas muitas vezes volta a vendê-los na mesma feira, ou logo que lhe surja a oportunidade de obter um certo ganho. O gado vai passando assim sucessivamente, por variadíssimas mãos, conhecendo novos donos, acontecendo algumas vezes voltar já adulto à casa daquele que o viu nascer.

PLANTA ACTUAL DO RECINTO DA FEIRA DA MALVEIRA



- 1 - Recinto do gado bovino
- 2 - " " " miúdo
- 3 - " de hortaliças
- 4 - " " venda de galináceos
- 5 - Bancadas do peixe
- 6 - Boleiras
- 7 - Tendas de calçado
- 8 - " " roupas diversas
- 9 - " " fatos feitos
- 10 - " " ourives

- 11 - Tendas de latoaria
- 12 - " " artigos de vime
- 13 - " " " " plástico e vime
- 14 - " " tanoaria
- 15 - " " comes e bebes
- 16 - Artigos de barro
- 17 - Plantas
- 18 - Ferro velho
- 19 - Sementes diversas
- 20 - Balança

De todos os que lidam com os animais, o mais ludibriado é sem sombra de dúvida o homem do campo, porque a rês para criar é-lhe fornecida a mais das vezes pelo contratador, que prevendo antecipadamente as oscilações do mercado ou uma fatalidade, a valoriza e deste modo, quando mais tarde a vende, obtém sempre bom lucro. Por outro lado, quando o animal vai de novo à feira, sucede com frequência ser o próprio dono a comprá-lo ao criador através do intermediário, desvalorizando-o sem que o camponês se aperceba de que está a ser enganado.

Este pequeno intermediário, vulgarmente conhecido por "missseiro"(1), frequentador desta e doutras reuniões comerciais, é um homem sem escrúpulos, ainda parente desta grande família dos comerciantes de gado.

Além do comércio dos bovídeos, negociam-se também, juntamente com estes, alguns muares e num lugar à parte os ovinos e caprinos.

Quando a afluência de gado lanígero, que oscila semanalmente entre as 50 e as 100 cabeças, é mais pequena, os animais aguardam que os donos realizem o negócio, num pequeno recinto junto às quinquilharias. Durante as feiras de Verão como o número destes animais aumenta, ultrapassando as 500 cabeças, as transacções efectuam-se nuns terrenos baldios próximos das escolas da freguesia e um pouco afastados dos restantes locais de venda. Por este motivo e para se não perder a coesão comercial da feira, nas últimas

(1) - Influencia os negócios, ajuda à "missa", recebendo uma determinada quantia paga pelos comerciantes, como recompensa dos serviços prestados.

a que assistimos na passada época estival, o negócio dos ovinos fazia-se num espaçoso recinto, situado entre o Campo da Feira e pista de velocípedes, destinado até agora a parque de estacionamento.

O comércio dos vegetais, apresenta aspectos diferentes, conforme se trata das plantas, dos cereais, dos frutos ou das sementes. No entanto, o número dos vendedores ao longo do ano oscila pouco, cobrando-se em média por feira 300 terrados.

Predominam as hortaliças, trazidas pelos burros e carroças que os próprios camponeses conduzem quando moram próximo, ou pelas camionetas mediante o pagamento do frete, se vêm de mais longe, como Sintra, Colares, Lourinhã, Torres Vedras, Loures, Mafra ou de regiões mais distantes, Caldas da Rainha, Santarém, Alenquer, Coimbrão e Coimbra, como tivemos ocasião de constatar.

A venda das plantas e das sementes é negócio de pouca monta e em regra é o próprio dono quem o faz, ou as casas da especialidade que para o efeito existem no local.

A maior parte da produção cerealífera é vendida a organismos oficiais, como já referimos na pág.62, ficando o homem do campo apenas com o necessário para o seu consumo doméstico. Mas se ao longo do ano precisa^{de} algum dinheiro, ou se se verifica aumento nos preços, o camponês enche com as reservas, alguns sacos e vai vendê-los à feira, embora mais tarde tenha de vir a comprar o cereal por um preço superior.

O peixe fresco ou salgado que aqui se vende, vem com frequência da Ericeira, de Peniche, da Nazaré, de Cascais e só mais raramente de Sesimbra. É vendido a retalho pelas mulheres das aldeias próximas, depois de adquirido aos peixeiros, que com os seus próprios meios de locomoção o vão buscar às lotas. Muitas mulheres com banca na feira, são vendedeiras ambulantes durante os restan-

tes dias de semana, deslocando-se de terra em terra com os seus "jênicos" carregados de peixe, alimento muito difundido na região.

A venda do peixe tem lugar no recinto mais vasto e faz-se nas mais precárias condições higiênicas, rodeado pelas outras mercadorias. As caixas do pescado, encontram-se espalhadas pelo chão e as vísceras um pouco por toda a parte, enquanto que o cheiro a peixe favorece o aparecimento de enxames de moscas, verdadeiras pragas, sobretudo nos meses calmosos do Estio.

Como medida de protecção contra os odores nauseabundos, que impestam os ares e prejudicam a venda dos outros produtos, bem pouco asseados também, as autoridades concelhias mandaram construir no ano transacto e no mesmo sítio, alguns alpendres com bancadas em cimento e cobertos com chapas azuladas de matéria plástica. Parece-nos no entanto e neste ponto comungamos da idéia de muitos, ter sido mais acertado deslocar a venda do peixe para a periferia, num lugar apenas destinado para isso. As obras realizadas apesar de onerosas, não modificaram as condições existentes, porque os alpendres não possuem esgotos e as águas salgadiças outra vez infiltradas, acumulam-se agora tornando o ambiente ainda menos asseado.

É grande a variedade de artigos de vestuário, expostos e o número de comerciantes de roupas e calçado varia muito pouco ao longo do ano, apesar de haver épocas de vendas, umas melhores do que outras. Em média estão em cada feira cerca de 40 tendas de sapatos, umas 60, entre as que vendem panos, camisas, camisolas, variadas peças de vestuário e as que expõem fazendas e fatos feitos, que servem a todos "...mesmo se fôr a um alemão...", na expressão singela do vendedor.

Na feira não faltam os ourives, 4 ou 5 quando muito, as

alfaias agrícolas em profusão, onde sobressaiem enchadas, barris, baldes, celhas, arreios e um não acabar de utensílios indispensáveis na lavoura. Este comércio comporta uns 30 negociantes, sendo na maioria artesãos com estabelecimento na Malveira ou arredores, que vendem também aqui o produto do seu trabalho diário.

O comércio da criação e dos ovos, de expansão recente, tem hoje uma grande importância, pois movimenta cerca de 40 vendedores conhecidos por regatões, os quais negociam grades com criação e rixas de ovos, para revenda ou directamente para as casas de pasto e pensões de Lisboa. Aqui, encontramos também, mais duma centena de feirantes, em geral mulheres dos casais vizinhos, a vender uns frangos, 4 ou 5 coelhos, umas galinhas e algumas dúzias de ovos muito fresquinhos e na época própria os belos perús.

As quinquilharias, com evidente importância na vida comercial da feira da Malveira, mantêm ao longo do ano a mesma constância de comerciantes. Montam-se umas 20 tendas, onde se podem comprar muitos e variados objectos de barro, alumínio e mais raramente esmalte.

Merecem ainda referência, apesar do número diminuto, as mulheres que vendem bolos caseiros, pão de trigo e milho cozido na véspera, tremoços, azeitonas, queijinhos saloios, ou os fabricantes de artigos de verga e de mobiliário de madeira.

Por último falaremos das 13 barracas de comes e bebes, armadas à sombra dos muros da casa, onde em tempos idos tantos negócios de gado se fecharam. Ali fomegam panelões de sopa, enquanto se assa na brasa a boa sardinha ou prepara uma caldeirada que só pelo "cheirinho" faz abrir o apetite ao mais "biqueiro" (1).

(1) - Expressão popular que significa pessoa que come pouco, porque nem tudo lhe agrada.

Muitos trazem farnel, mas uma grande parte se o negócio corre bem come na feira, à sombra da tenda ou num "bom restaurante", sentados em frente duma tosca mesa de madeira, onde não falta o bom e excitante vinho da região, enquanto saboreiam um delicioso pitéu, porque isto de feirar e intrujar o alheio "...cansa um home e dá-lhe cá uma vontade...".

A feira continua pela tarde fora, pois os apressados há muito a abandonaram e é nesta altura apenas frequentada por aqueles que esperam no "desfazer" encontrar alguma "pechincha", ou pelos feirantes. Estes só depois de terminada a venda dos seus produtos podem fazer as suas compras, adquirindo de acordo com o capital realizado, o necessário ao governo da casa e uma ou outra extravaganciazita.

Antes de pôr o sol a feira está terminada e de regresso a casa, uns vêm contentes pelo negócio que fizeram ou que pensam ter feito, outros aborrecidos porque a sorte lhe foi adversa ou desperdiçaram alguma boa oportunidade, mas todos intimamente sentem o desejo de voltar a feirar, assim que possam.

b) Um dia de feira

Logo de manhã muito cedo, por estradas e atalhos, começam a afluir pessoas ao lugar da Malveira. Uns vêm a pé, outros de camioneta, de combóio, de motociclo, ou de carroça puxada pelo burro ou macho, de carro de bois, todos carregados com numerosos cestos, canastas e sacas. Uma mole humana, que transporta os seus artigos, as suas fazendas para vender e leva o seu dinheirinho para comprar, "p'ra mercar" como se usa dizer, dentro de um sa-

quito muito bem atado e por vezes pendurado no braço.

Durante mais de duas horas é constante o movimento de gente e dos mais variados meios de transporte. Os veículos já descarregados, saem do local da feira em busca de um lugar de estacionamento, cruzando-se com outros que, mais retardatários vêm ainda com as suas enormes cargas, em demanda dum lugar onde possam alijar o carrêgo. A animação é cada vez maior, à medida que o sol vai subindo no horizonte.

Chegada à feira a mercadoria a comercializar é descarregada para o chão, sendo depois arrumada e exposta para venda.

É vasta e vistosa a matéria comerciável que enche o amplo recinto dum colorido rico e matizado, chegando-se a pensar que tivesse havido a preocupação de dispor artisticamente, os vermelhos, os verdes, os amarelos, os brancos e os pretos, por tal forma harmoniosa resulta o conjunto.

No entanto a pouca higiene desta exposição é na verdade aflitiva, pois sobre o pavimento circulam e permanecem centenas de pessoas e por vezes veículos e animais. O escoamento e os esgotos são deficientes e as águas das chuvas quando caem acumulam-se em parte, dando lugar de mistura com todos os detritos do solo e com os próprios dejectos dos animais, a uma lama imunda, onde contactam as mercadorias, muitas ingeridas em crú, como sucede com as saladas e os frutos.

Apesar de tudo, no ar límpido da madrugada eleva-se o perfume fresco e saudável dos produtos recém-chegados da terra, e de todo este admirável quadro se desprende o encanto discreto e subtil das coisas simples e puras.

Entre os variadíssimos objectos expostos, encontram-se espalhados nas bancas ou pelo chão milhentas coisas, necessárias à

vida doméstica, agrícola e industrial da gente das redondezas.

Logo que se inicia a venda, o que tem lugar por volta das oito da manhã, todo o ambiente muda por completo, ganhando em vida e animação o que perdeu em calma e em ordem. Os recintos são invadidos por uma multidão anónima, o movimento vai crescendo progressivamente e em contrapartida, enquanto o tempo passa, os preços vão-se modificando em sentido inverso. Os mais altos são sempre os dos primeiros momentos, baixando à medida que as horas vão correndo.

De mistura com o povo e os feirantes, encontramos na feira os que vieram de passeio ou para se fornecer e na época estival os veraneantes, que zigzagueiam observando os protudos expostos e "apalpando os preços".

A azáfama continua, entre o ressoar de um palavriado bem repleto de gestos e palavras obscenas, sobretudo na feira do gado onde só as notas (1) contam. Estes homens habituados a isto, são verdadeiros actores profissionais, tal o improvisado de gestos, manhas e piscadelas de olhos, a darem sinal para terceiros, enquanto todo o corpo dos animais é observado atentamente pelos hábeis e manhosos negociantes, que se fazem acompanhar dos seus grandes caçados.

Muitos negócios arrastam-se toda a manhã e só ficam fechados (2), depois do almoço, entre copos de vinho e bons petiscos.

(1) - O gado é apreçado e vendido por notas. Cada nota vale cem escudos.

(2) - O negócio só se considera fechado quando o comprador dá umas tantas notas de sinal.

Depois do meio dia vem o abandono e já de volta, enquanto dura o trajecto, ainda se continua a falar da feira, dos preços, a discutir este ou aquele negócio, uma ou outra partida que lhe fizeram, ameaçando desforra, enquanto os mais novos revêem silenciosamente o idílio iniciado.

Assim é a feira semanal da Malveira, uma das maiores e das mais frequentadas feiras de gado da província da Estremadura e do país.

C) Analogias entre a feira e a povoação

Sem pretender imputar à reunião comercial que aqui se realiza semanalmente, a causa única do progresso operado na freguesia, ela contribui no entanto para a fixação de muita gente. Este facto provocou, como oportunamente referimos no capítulo do povoamento, uma profunda alteração na planta do povoado.

Com efeito, a regular afluência de elevado número de pessoas, entre as quais mercadores que aqui residem e daqueles que todas semanas acorrem, fomentou entre outras coisas, a construção de novas habitações e o estabelecimento de variado comércio de carácter fixo. Por outro lado, em virtude da profunda viragem operada no estilo de vida até aí rural da povoação, a feira com uma realização semanal, começa a não ser suficiente para satisfazer totalmente as necessidades da população que a habita.

Assiste-se à construção de novos blocos habitacionais, providos de âmplos lojas, destinadas a casas de comércio, não só no Campo da Feira como nos sítios de melhor acesso. Destas construções, as primeiras surgiram entre 1920 e 1923 e ainda existem nos terrenos fronteiros ao largo, tendo-se construído depois delas muitas outras.

Aos poucos o comércio instala-se e o aumento observado, deve-se em grande parte ao facto de muitos negociantes viverem aqui, procurando desenvolver e ampliar com os capitais realizados nesta e noutras feiras, as suas actividades mercantis.

Se contarmos as casas comerciais da freguesia, verificamos que são mais de cento e sessenta. Na maior parte mercearias, tabernas, cabeleireiros, sapatarias, talhos e casas de pasto, estas últimas mais concorridas à quinta-feira, mas onde se come e convive a qualquer dia da semana.

Apresentamos em seguida um quadro estatístico do comércio da área em estudo e os respectivos valores tributáveis, sobre os quais incidem os impostos lançados pela Tesouraria do Concelho de Mafra (1).

Casas comerciais	Número de contribuintes	Valores tributáveis
Talhos	11	997.592\$00
Mercearias	29	573.420\$00
Tabernas	7	191.200\$00
Cafés	8	85.380\$00
Padarias	3	79.760\$00
Oficinas e acessórios para automóveis	16	72.510\$00
Casas de pasto	19	65.800\$00
Capelista e casas de modas	8	22.000\$00
Sapatarias c/ e s/ oficiais	21	21.755\$00
Artigos eléctricos	4	11.000\$00
Cabeleireiros e barbeiros	8	9.400\$00
Frutas e hortaliças	1	700\$00
Diversos	48	153.280\$00

(1) - Valores retirados dos "Livros de Registo. Impostos cobrados pelo Concelho de Mafra". Manus. da Câmara Municipal de Mafra. Grupo C, livro I a VI.

Além destes estabelecimentos de comércio fino e mixto , existem muitos vendedores ambulantes aqui radicados que montam tendas nas feiras e mercados do concelho.

Vendedores ambulantes de (em feiras e mercados)	Número de contribuintes	Valores tributáveis
Gado	34	108.350\$00
Artigos de capelista	14	18.650\$00
Calçado	13	14.000\$00
Peixe	12	11.200\$00
Frutas e hortaliças	12	11.150\$00
Comes e bebes	7	5.800\$00
Artigos de mercearia	4	3.300\$00
Diversos	20	37.850\$00

A Malveira tornou-se aos poucos um centro dispersivo de feirantes, os quais apesar de comerciarem em muitas feiras acabam por trazer para a terra onde habitam o lucro dos seus negócios.

O facto de muita gente que vive do comércio das feiras se ter radicado na povoação, contribuiu portanto para uma afluência de capitais, que só veio beneficiar o lugar.

Esta é uma das originalidades da reunião comercial que aqui se realiza todas as semanas, porque em vez de prejudicar o comércio fixo local, com a saída dos dinheiros realizados pelos mercadores, como sucede em muitas outras terras do país, nomeadamente na Beira Litoral, referido por J.M.BARBOSA GASPAR (1), antes con-

(1) - Ob. cit., pág. 108, 109 e 139.

tribuiu para o seu progresso. E a acção da "feira da Malveira" sobre o povoado que a viu nascer, é ainda tão grande que a ele continua ligado, pois nunca ouvimos a ninguém de fora ou da localidade, designá-la pelo dia em que se realiza, mas sempre pelo nome do sítio onde tem lugar.

D) O movimento da feira e o calendário agrícola

A feira da Malveira, situada no centro duma vasta região de acentuadas características rurais, está por isso fortemente relacionada com o calendário agrícola.

Sem nunca perder a feição de "grande feira", deparam-se ao observador mais atento, quintas-feiras de intenso tráfego comercial e outras mais fracas.

Mercadorias e comerciantes por feira	1964				1965			1966
	27/8	3/9	24/12	15/4	1/7	26/8	23/12	7/4
Gado bovino leiteiro	253	230	120	192	135	145	102	187
Gado de trabalho	142	172	53	35	180	152	42	45
Vitelas e bezerros	290	225	200	254	200	320	360	218
Vendedores de hortaliças e frutos	380	377	351	345	315	362	385	354
Comerciantes de vestuário e utensílios domésticos	100	102	90	100	70	101	103	99
Vendedores de peixe	50	50	50	60	50	60	60	60
Comerciantes de calçado	38	38	38	40	32	40	40	38
Regatões	38	38	48	45	35	40	54	42
Vendedores de criação e o vos	60	67	80	72	52	75	85	65
Ferro velho	18	18	18	18	15	18	18	18
Comidas e bebidas	13	13	13	13	11	13	13	13
Ourives	4	4	4	5	4	5	5	5

O quadro apresentado mostra-nos o movimento de algumas das muitas feiras, a que tivemos ocasião de assistir. Estes valores pretendem unicamente mostrar a afluência dos comerciantes e dos produtos, a esta grande reunião semanal.

Através das nossas observações e da experiência daqueles com que contactámos, conclui-se que o número de cabeças de gado é variável ao longo do ano e continua a ser a única mercadoria a conferir à feira, uma maior ou menor movimentação, pois os valores dos restantes produtos transaccionados permanecem quase inalteráveis.

Quem melhor se apercebe desta irregular pulsação da feira são os comerciantes, sobretudo os contratadores de gado que jogam com ela na mira de lucros mais largos.

Enquanto na altura das principais fainas do campo, como se mentearas, colheitas e vindimas, a feira é mais reduzida e regista menos afluência de povo, nos períodos que precedem estes trabalhos, aumenta a frequência, aparecendo gente de todos os lados. Portanto, a épocas de grande azáfama agrícola, corresponde um menor movimento da feira e vice-versa.

Este aspecto é particularmente notório para o gado de trabalho, que uma vez engordado aqui acontece, vindo dos mais variados lugares da Beira Litoral, Alentejo e Algarve, com destino ao açougue. As feiras mais frequentadas por estes animais são as de Agosto, Setembro e Outubro, pois uma vez concluídos os trabalhos agrícolas o lavrador desfaz-se deles, não só porque já não necessita dos seus serviços, mas porque não havendo que lhes dar a comer começam a perder peso.

O comércio do gado leiteiro apesar de menos sujeito a estas oscilações do ano agrícola, sofre-as contudo ao longo dos diferentes meses, de acordo com a maior ou menor afluência dos ani-

mais. As épocas mais concorridas são as que antecedem as cavas e as sementeiras primaveris, quando as terras até aí cobertas de abundantes ervas têm de ser lavradas. É nessa altura que muita gente é obrigada a desfazer-se das vacas e mesmo das vitelas por falta de comida, ou porque a azáfama dos campos, ocupa de sol a sol o campo nês e os familiares, não lhe deixando tempo necessário para o tratamento que os animais exigem.

Nos meses de Verão, enquanto não surgem os novos pastos, as feiras são também abundantes em gado.

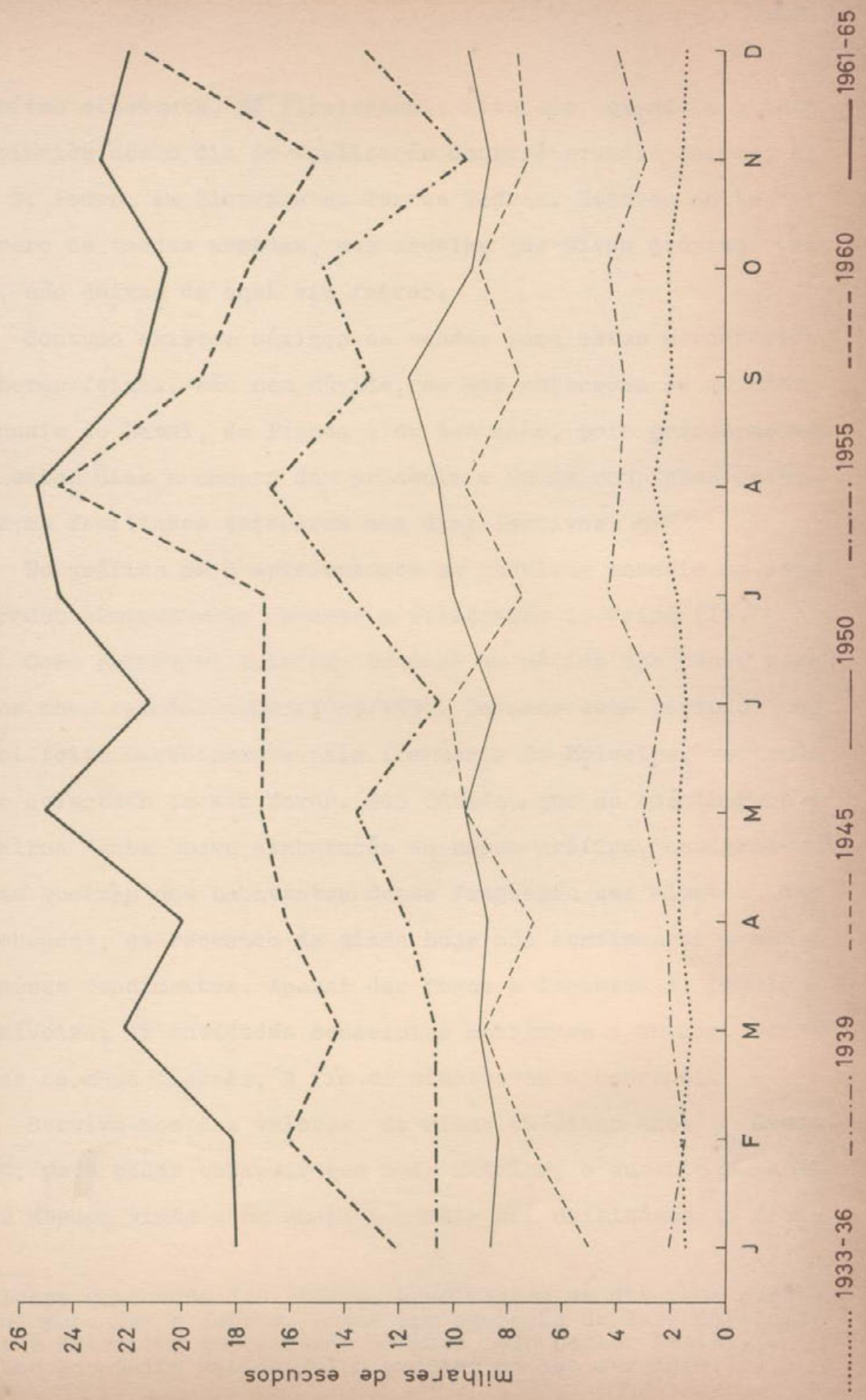
Os lavradores mais abastados e os comerciantes que possuem muitos animais não se sujeitam a este ritmo, pois como dispõem de muitas terras e baldios, para onde mandam as reses, só realizam transacções quando lhes convém.

Este fenómeno de maior ou menor concorrência das feiras no decorrer do ano, não é exclusivo dos gados mas também das outras mercadorias, embora duma maneira menos notória, sobretudo para os produtos da terra cujos máximos de produção apresentam épocas próprias, mas em que o seu valor global por semana, varia muito pouco.

Em regra encontram-se grandes quantidades de hortaliça durante o Inverno, nomeadamente nos meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro. Na Primavera as favas e as laranjas invadem a feira, atingindo os máximos em Abril, mas aos poucos cedem lugar ao feijão verde que aparece de Março a Julho, aos tomates e aos frutos, sobretudo às peras, aos pêssegos, aos melões, às melancias e às maçãs, que de Junho a Outubro emprestam com os seus tons um colorido maior e tornam com os deliciosos odores exalados, mais agradável o ambiente desta reunião comercial.

O restante comércio que aqui se faz em larga escala, a-

MOVIMENTO MENSAL DA FEIRA DA MALVEIRA 1933-1965



flui em ritmo constante, só ligeiramente alterado, quando a quinta-feira coincide com o dia da realização doutras grandes feiras, como as de S. Pedro, em Sintra e em Torres Vedras. Nota-se então um menor número de tendas armadas, mas aqueles que vivem próximo da Malveira, não deixam de aqui vir feirar.

Contudo existem máximos de vendas para estas mercadorias e as melhores feiras, são sem dúvida, as que antecedem as grandes festas anuais do Natal, da Páscoa e da Ascensão, pois guarda-se sempre para estes dias a compra dum presente e dumas roupinhas melhores, para os familiares estrearem nos dias festivos.

No gráfico nº 3 apresentamos as receitas mensais em escudos, cobradas semanalmente durante a realização da feira (1).

Como primeiros valores tomámos as médias dos meses referentes aos anos económicos(2) de 1933/1936. Durante este período a cobrança foi feita directamente pela freguesia da Malveira, vertendo o produto colectado em seu favor. Sem dúvida, que ao escolhermos esses primeiros dados para elaboração do nosso gráfico, acudiram-nos à mente as queixas dos habitantes desta freguesia que cientes das cifras cobradas, se recentem de ainda hoje não continuarem a usufruir desses rendimentos. Apesar dos rogos e lamentos da população da Malveira, as entidades concelhias continuam a enviar todas as semanas os seus fiscais, a fim de efectuarem a cobrança.

Servimo-nos dos valores de cinco em cinco anos, desde 1939/1960, para poder observar com mais detalhe, o aumento que a feira sofreu nesses vinte e um anos. A partir daí utilizámos as médi-

(1) - Valores retirados das "Taxas, Rendimentos de diversos serviços: mercados e feiras. Taxas por ocupação de Terrado", referentes à Malveira, gentilmente cedidos pelo senhor Resina.

(2) - O ano económico vai de Julho a Julho do ano seguinte.

as, das quantias mensais dos anos 1961/1965.

Nestas receitas estão incluídos os impostos pagos pelos gados e pelas restantes mercadorias entradas nas feiras, durante estes anos, pois que feita a colecta por terrado, não pudémos obter uma diferenciação para cada um dos produtos sobre os quais incide a taxa.

Pretendíamos saber os valores cobrados por cabeça de gado em cada feira e neste caso as curvas desenhadas correspondem às oscilações verificadas no comércio dos gados. No entanto, uma vez que quantitativo das outras mercâncias é quase constante de feira para feira, podemos afirmar que as diferenças observadas resultam das modificações dos gados movimentados e do desenvolvimento alcançado pela feira semanal da Malveira.

Os valores cobrados por terrado (1), têm sofrido alterações em consequência do desenvolvimento da feira. A última entrou em vigor a 1 de Junho de 1942, por despacho de 25 de Maio do mesmo ano, do então presidente da Câmara Municipal de Mafra. A actual tabela de preços, em fracções de 1\$00, 1\$50, 2\$00 e 5\$00 (2), é a seguinte:

Barracas de comidas	por m ²	10\$00-20\$00
" " factos (grandes)	" "	15\$00

-
- (1) - Terreno ocupado pela mercadoria que paga um determinado imposto, em função do número de metros quadrados que ocupa. Este pagamento baseia-se numa idéia antiga de que um mercador era um homem estranho à terra e como tal, devia pagar às autoridades, a licença para poder fazer o seu negócio.
- (2) - Os impostos cobrados nesta e noutras feiras do concelho de Mafra revertem em favor deste Município.

Barracas de factos (médias)	por m ²	12\$00
" " calçado (grandes)	" "	12\$00
" " " (médias)	" "	7\$50
" diversas (pequenas)	" "	5\$00
Ourives	" "	3\$50
Ferragens	" "	3\$00
Calçado e roupas (molhão)	" "	2\$50
Quinquilharias	" "	2\$50
Tanoeiros	" "	2\$50
Bois e vacas	cada	2\$00
Peixe fresco	por caixa	2\$00
Criação	por jaula	1\$50
Suinos alfeiros (1)	cada	1\$50-1\$00
" gordos	"	1\$50
Criação	por cabaz	1\$00
Frutas e hortaliças	" cesto	1\$00
Peixe salgado	" caixa	1\$00
Vitelas	cada	1\$00
Carneiros	até 10 (cada)	\$50
"	mais de 10 (cada)	\$30
Leitões	cada	\$30

Desejámos ainda, em face do gráfico nº 3 pormenorizar algumas conclusões, apesar das contingências impostas por uma estatística deste tipo: variedade das mercadorias, mudança do valor do imposto, fuga ao pagamento, etc..

(1) - São porcos pequenos. Esta expressão designa muitas vezes o "porco de corda".

Em primeiro lugar notámos uma diferença flagrante entre os valores do ano de 1934 e os dos de 1964-1965, não restando dúvidas, quanto ao progresso e prestígio grangeado pela feira da Malveira.

Por outro lado reparámos que as quintas-feiras de Março, Abril e Maio são das de maior tráfego comercial, porque como vimos, muita gente se vê obrigada a vender os seus gados por falta de ervas, uma vez que os campos estão nessa época cultivados.

Mas os meses de Agosto e Setembro são também muito concorridos, sobretudo pelos animais dos lavradores que vendo os palheiros vazios e o tempo totalmente ocupado pelas lavouras se desfazem deles. Estas grandes feiras prolongam-se pelos meses de Outubro e Novembro, enquanto não caem as primeiras águas que vão fazer crescer as ervas.

Por outro lado, o número elevado de indivíduos que aqui se vêm a abastecer de víveres durante o Estio, aumenta a importância dos impostos pagos.

Os valores altos observados em Dezembro dos vários anos, são uma consequência da grande quantidade de povo que então vem às feiras, sobretudo à que antecede a festa do Natal, excepcionalmente concorrida quando o tempo permite, como tivémos ocasião de constatar nos anos de 1964-1965. Vem gente de todo o lado, com os mais diversos produtos para vender, mas o dinheiro obtido fica quase todo na feira, pois nesse dia sempre se compra o apetecido fatinho para estrear no dia do nascimento do Senhor, o bom naco de carne que fará as delícias da família, uns botins, porque neste tempo quase sempre chuvoso começam a fazer falta e mais umas "coisitas", para o arranjo da casa e da lavoura.

Em 1964 e no início de 1965, o comércio dos gados atravessou uma grave crise, devido à epidemia da febre aftosa que grassou pelo país e agravada pela importação de carne estrangeira, o que provocou uma descida brusca no valor dos animais. Esta queda do preço das carnes foi tão grave que nos últimos meses de 1964, os valores das reses foram abaixo do custo por que tinham sido adquiridas, obrigando o lavrador a mantê-las, com prejuízo da sua própria economia. Esta quebra reflectiu-se como podemos verificar no movimento das feiras.

Resta-nos ainda referir um facto observado, quando examinávamos detalhadamente os dados com os quais elaborámos os gráficos e que este não exprime. A importância das taxas cobradas nos meses de Novembro de 1962, 1963 e Dezembro de 1961, foram respectivamente de 29.218\$⁵⁰, 26.369\$⁰⁰ e 27.240\$⁰⁰, portanto valores muito superiores às médias obtidas para os mesmos períodos, o que nos indica uma afluência anormal de gado as feiras destes meses. É que foram anos de escassas águas e tardias e a falta de verdes obrigou o homem do campo a desfazer-se de todo o gado que tinha.

6) Indústrias locais

As indústrias têm-se a pouco e pouco instalado, atraindo grande parte da mão-de-obra rural, que vê nelas salário mais elevado e certo, bem como menos horas de serviço diário. Algumas movimentam umas dezenas de operários como sucede na "Fundição de Artigos de Ferro e doutros Metais", instalada na Várzea de Monte Leite, próximo da estação de caminho de ferro, por onde escoam os seus produtos.

Trabalham aqui umas vinte e sete a trinta pessoas, desde os aprendizes aos mestres e como o ganho diário é superior ao estabelecido pelo Estatuto do Trabalho, todos desejam ser admitidos. Muitos operários vivem na freguesia, mas alguns moram nas vizinhanças, como dois conhecidos nossos, que residindo no Livramento diariamente se deslocam até à Malveira.

A matéria prima mais utilizada nesta fábrica é o ferro, a que se junta a guza vinda do norte do país. Depois de industrializado, parte toma o destino da capital, outro é enviado para Pedro Pinheiro, onde se processa o seu comércio.

A fábrica de "Algodão Hidrófilo" é também um estabelecimento comercial de grande importância. Situado entre pinheiros e eucaliptos, no sopé do serro do Matoutinho, junto da estrada Lisboa - Porto e não muito longe também da estação da Malveira. Esta unidade fabril utiliza grandes quantidades de algodão em bruto, vindo directamente das nossas províncias ultramarinas, que só depois da conveniente preparação e embalagem fica apto a ser vendido.

Trabalham no seu fabrico dezasseis pessoas, das quais nove são mulheres, cujo trabalho consta exclusivamente da pesagem e do empacotamento, usufruindo um salário de 36\$00 diários. O restante serviço é feito pelas máquinas e por sete homens. Destes, um é o encarregado que zela pelo bom funcionamento da fábrica. Este empregado ganha 80\$00 por dia, enquanto os cinco que trabalham com as cardas têm apenas metade daquele vencimento. Há ainda um operário a trabalhar com a caldeira, recebendo por isso 50\$00 diários, portanto mais 10\$00 que os outros.

São várias as operações de preparação do algodão hidrófilo e porque as achámos curiosas procurámos descrevê-las.

Primeiramente o algodão em bruto é fervido, procedendo -

-se em seguida ao seu branqueamento. Nestas operações utilizam-se produtos químicos de alto poder descorante, como lexívias e ácidos e em seguida passa pela estufa para secar. Quando se dá por terminada a seca, vai a desfiar, pelo que tem de passar numas máquinas especiais, o "batedor" e o "repassador". Aqui, o algodão é batido e reduzido a pequeníssimos fios. Posteriormente as fibras passam pelas cardas, obtendo-se as teias de algodão.

Existem na fábrica sete cardas eléctricas, trabalhando em conjunto para uma única tela rolante, encarregada de enrolar as tramas de algodão que aos poucos vão ganhando espessura, enquanto a tela vai girando. Este movimento rotatório, provoca-se tantas vezes quantas as necessárias para obter a grossura desejada.

Há apenas duas espécies de algodão, um de grande poder absorvente, conhecido pelo nome de "exclusivo" e o vulgar.

Seguem-se as últimas operações de fabrico, feitas exclusivamente por mulheres: primeiro a pesagem e em seguida o empacotamento.

O peso do algodão oscila entre os cem e os quinhentos grammas. Cada dez destas pequenas embalagens, conhecidas em geral por "maços", formam um pacote e vinte e cinco, um fardo.

Depois de convenientemente embalado, a fábrica vende o produto para as casas comerciais de Lisboa, Almada, Cascais, Sintra, Torres Vedras e outras localidades, exportando também para a Madeira e Açores.

Os diversos tipos de algodão provenientes desta fábrica, que estão à venda, resultam dos diferentes processos de empacotamento, sendo identificados pelas iniciais J.C.F.M.(1) ou algodão em

(1) - Cada uma das letras representam as iniciais do nome do proprietário da fábrica.

ziguezague, o C. M., o J. C. M. ou o F.M. e outras vezes com o próprio nome das casas comerciais para onde é enviado.

Existe também na Malveira uma oficina de vulcanização, a "Sivurel", que se dedica à recauchutagem e vulcanização de pneus usados. Trabalham ali actualmente nove pessoas, com salários de 35\$00 e 50\$00 diários.

Além destas indústrias, há ainda uma oficina de molas para veículos automóveis, uma fábrica de escovas nas Queimadas, uma outra de telha e tijolo situada na Alagoa. Esta unidade fabril explora as argilas dos terrenos cretássicos com as quais fabrica os produtos já citados vendendo-os para as muitas casas que se constroem na região.

Ao lado destas fábricas encontramos outras mais pequenas e de interesse reduzido, pelo número diminuto de operários que empregam. Em regra a mão-de-obra é familiar e os trabalhos executados de feição artesanal.

Os lucros usufruídos são modestos mas sempre compensam e dão uma ajuda, porque permitem a ocupação dos homens nas épocas em que o trabalho do campo escasseia. São deste tipo uma pequena fábrica de tapetes e alcatifas e uma outra onde se fazem cestos e vários artigos de verga e vime, próximo à Horta da Alagoa, utilizando a matéria prima que existe com relativa abundância, junto dos pequenos ribeiros da freguesia.

Espera-se para breve a construção duma grande unidade fabril e outras, depois desta, se virão fixar na Malveira.

CAPÍTULO V

CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurámos neste trabalho mostrar até que ponto as condições naturais e humanas, foram capazes de modificar as características originais desta freguesia da Estremadura.

Se a facilidade de transportes e as comunicações, promoveram a aproximação com a capital, foi a natureza circundante que determinou o afluxo de gente, que buscava aqui o descanso para o espírito ou o remédio para os seus males.

Destes contactos resultaram novos hábitos, aos poucos incutidos nos espíritos tradicionalistas dos habitantes da Malveira, afectando os traços fisionómicos iniciais destes sítios, desde há muito ligados à terra que os viu nascer.

Estudadas econòmicamente as produções agrícolas e encarado pela mesma forma o seu comércio, no duplo aspecto: transporte e venda, impunha-se-nos referir, como fizémos, a importância da criação e do desenvolvimento da feira semanal, que neste lugar se realiza todas as quintas-feiras.

Passados em revista e apresentados os pontos essenciais, que as exposições fundamentadas no decorrer do trabalho nos levaram a reter, resta-nos encarar alguns aspectos, que se impõem como conclusão a extrair da rápida análise efectuada sobre a freguesia da Malveira. Sobretudo a necessidade premente de se estabelecerem quanto antes novas medidas, tanto no modo de comercialização dos produtos como no aproveitamento da terra.

Pouco mais podemos e deveremos acrescentar sobre a matéria, uma vez que o problema é de mais complexo e delicado, para que mereça e possa ser tratado por quem dispõe de tão poucos meios para o fazer.

Contudo, a análise dos actuais sistemas, nas suas possibilidades e nos seus defeitos, suggeriu-nos algumas breves notas, as quais resolvemos apresentar, unicamente a esse título e ainda por estarmos convictos, ser frequentemente da correcção e da crítica de noções imperfeitas e erradas sobre determinado problema de vulto, que se reajustam as soluções mais correctas e adequadas que elas possa vir a ter.

Verificada a necessidade de remodelar as condições actuais da feira, a primeira questão que imporia resolver, para além da melhoria higiénica, era de facto a escolha de novo sistema de venda a estabelecer, no sentido de o tornar mais fácil e prático para o produtor e sobretudo para o criador de gado da região, protegendo-os igualmente contra os abusos e os roubos, a que tal género de transacções tão facilmente dão lugar. Compreende-se como se nos torna difícil indicar um ou outro processo como bom, pois que têm de se basear num estudo demorado e completo dos problemas, não devendo faltar uma fase experimental, sem o que se nos afigura ser impossível fazer afirmações categóricas.

Quanto a nós, o primeiro passo a dar deveria ser no sentido de eliminar os intermediários, verdadeira praga de parasitas, os quais com poucos encargos, colhem lucros muito superiores aos dos proprietários. Para evitar uma grande parte delos, seria viável criar ou ampliar organismos oficiais encarregados de estabelecer novos meios de comercialização, como alguns dos seguintes, os quais

apontamos por nos parecerem da maior acuidade.

- 1 - Inicialmente far-se-ia a fixação para os diferentes produtos, do quantitativo respeitante a cada unidade de venda, que presentemente para muitos casos é ainda incerto e variável.
- 2 - Todo o comércio deveria assentar numa fixação criteriosa dos preços de venda; seriam criadas tabelas, que muito embora sofressem certa modificação ao longo das diferentes épocas do ano, de acordo com as perspectivas da oferta e da procura, evitariam as oscilações desordenadas e notórias que hoje se verificam nos preços, com manifesto prejuízo para todos.
- 3 - Criar um sistema de fiscalização, que actuaria no sentido de evitar fraudes e mistificações, sempre possíveis de verificarem-se.
- 4 - No sentido de melhorar a realização da feira semanal, constatou-se a necessidade desta ter lugar em melhores condições de higiene, pelo que urge construir um conjunto de instalações indispensáveis.

No que toca a alojamento para venda dos diversos produtos, o que se nos afigura mais vantajoso e saudável, seria em placas sobreelevadas em relação ao solo, como já se fez para a venda do peixe, mas com os respectivos esgotos, assim como a pavimentação do recinto, cujas obras já se iniciaram.

Por outro lado há que aumentar o espaço onde se realiza esta feira, uma vez que os locais actualmente destinados para venda, são insuficientes para o movimento registado. Este facto verificou-se com o comércio dos ovinos, que nas úl

timas feiras passaram a ser vendidos num lugar mais vasto e também mais próximo dos restantes produtos expostos para venda, a fim de que a feira não perca a sua coesão comercial.

Quanto à necessidade de remodelar a exploração agrária, limitar-nos-emos a expor algumas soluções referidas por pessoas conscientes, que mais de uma vez tentaram introduzi-las no sentido de melhorar a exploração do solo, mas mercê dos espíritos pouco esclarecidos de alguns e da ganância de outros, não foi possível a frutificação dos seus desejos.

1 - Repovoamento florestal

Dadas as características destes terrenos de nítida vocação florestal, a árvore parece ser a melhor solução, quer a de rendimento em madeira, quer as fruteiras. Impõe-se a arborização não só pelo aproveitamento do solo e interesse económico que daí advirá, como para obstar aos fenómenos de erosão, que em muitos locais vão aparecendo.

O alargamento da área ocupada pelo pinheiro bravo tem possibilidades de vir a ser realizado, em especial nos incultos e também em certos terrenos onde se praticam outras culturas, que se tornam quase sempre anti-económicas. Por outro lado é necessário contrariar por meio de campanhas bem orientadas, a convicção geral de que a madeira de pinheiro é de conservação muito deficiente, comparada com a que vem do norte do país.

Aconselha-se uma plantação mais regrada do eucalipto, cuja cultura se intensificou nos últimos anos.

2 - A valorização e o desenvolvimento da criação do gado

Aproveitando o gosto que esta gente sente em criar gado, de

ver-se-ia aumentar e valorizar a criação dos bovídeos em regime in-
tensivo, mercê duma melhor exploração de forragens e de bons pas-
tos. Seria também necessário promover a construção de alojamentos
convenientes para os animais e de silos onde se pudessem armazenar
as rações alimentares.

3 - Larga obra de educação agrícola

Achamos ainda importante desenvolver, por parte das entida-
des competentes, campanhas convenientemente ministradas no sentido
de melhorar a exploração do solo.

+
+ +

Sem ajuizarmos com segurança a viabilidade destas refle-
xões, afigura-se-nos contudo indispensável elaborar estas e outras
de maior alcance e mais vastos meios de orientação e defesa, visto
que acima dos interesses particulares estão os gerais desta prome-
tedora freguesia. E é necessariamente na reunião e na aderência dos
primeiros, que deve assentar a base para a mais completa realiza-
ção dos segundos.

BIBLIOGRAFIA

I - Manuscritos

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Capelas da Coroa - 1499 e 1619.

- Tombo da Capela de N.S. dos Remédios - Livro I.

- Tombo da Capela de S. Silvestre - Livro I, fl. 39 v
a 56 v.

Dicionário Geográfico de Portugal de 1747, 1758 e 1893. - Tomo I-II.

Inventário dos Manuscriptos. Colecção Pombalina. Códice nº. 179 e
196.

Secretaria da Câmara Municipal de Mafra

Livros de Registo. Impostos cobrados pelo Concelho de Mafra. (Ma -
nus.). Grupo C, livro I a VI.

Tabela de preços dos Terrados a cobrar em Mercados e Feiras do Con-
celho. (Manus.). Mafra 25/5/1942.

Taxas, Rendimentos de diversos serviços: mercados e feiras. Taxas
por ocupação de Terrado. (Manus.). Livros diversos.

II - Publicações

Anais do Município de Lisboa. Nº.27, pág. 227/229. Lisboa, 1859.

Arquivo Municipal de Lisboa. Nº.111 e 469, respectivamente de 1862
e 1868.

- ALLIX, André - "The Geography of Fairs" in "Geographical Review" .
Vol. XII, 1922.
- AMZALAK, M. Bensabat - "As Feiras em Portugal" - Lisboa, 1922.
- AZEVEDO, Lúcio de - "Épocas de Portugal Económico" - Lisboa, 1929.
- BAPTISTA, J. Maria - "Corografia Moderna do Reino de Portugal" -
Lisboa, 1874-1879.
- BIROT, Pierre - "Le Portugal. Étude de Géographie Regionale" - Pa-
ris, 1950.
- BRITO, Raquel Soeiro de - "O Soajo. Uma aldeia de montanha do Mi-
nho" - Separata da Revista da Faculdade de Letras de
Lisboa. Tomo XVIII, 2ª. Série, nº.1 e 3 Lisboa, 1953.
- CAVACO, Carminda M. Mariano - "Paisagem e vida rural numa aldeia
algarvia: Boliquireine". Dissertação de Licenciatura em
Ciências Geográficas. Lisboa, 1960.
- COSTA, P^a. A. Carvalho - "Corografia Portuguesa" - Tomo III, Lis-
boa, 1712.
- CUNHA, Oscar Reis - "Subsídios para o Estudo Fitográfico da Fregue-
sia da Malveira" - Lisboa, 1952.
- EVANGELISTA, João - "A-Dos-Negros. Uma aldeia da Estremadura" - Lis-
boa, 1962.
- FEIJÃO, Raul d'Oliveira - "Elucidário Fitológico. Plantas vulgares
de Portugal Continental Insular e Ultramarino. - Vol. I,
II e III. Lisboa, 1960.
- FREIRE, João Paulo "Mário" - "O Saloio. Sua origem e seu carácter"
-Porto, 1948.
- GAI0, E. Furtuoso - "Apontamentos da História dos Caminhos de Fer-
ro em Portugal" - Sintra, 1957.
- GASPAR, Jorge M. Barbosa - "As Feiras de Gado na Beira Litoral",
Dissertação de Licenciatura em Geografia - Lisboa, 1965.

- JÚNIOR, Duarte Ferreira e José Maria Saldanha - "Inquérito Agrícola e Florestal" in "Plano de Fomento Agrário: Concelho de Mafra.
- LEAL, A. Pinho - "Portugal Antigo e Moderno" - 12 volumes, Lisboa 1873 - 1890.
- LIMA, D. Luiz Caetano de - "Geografia Histórica", Tomo II, Lisboa, 1736.
- MARQUES, Isabel M^a. de Sousa - "O Desenvolvimento Urbano de Quêluz". Dissertação de Licenciatura em Ciências Geográficas - Lisboa, 1960.
- MELO, L. de Miranda - "A Feira da Fontinha" - Aveiro, 1946.
- PORTUGAL, Thomaz Ant^o. Villa-Nova - "Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa para o adiantamento da Agricultura das Artes e da Indústria em Portugal e suas Conquistas" - Tomo II. Lisboa, 1791.
- RAU, Virgínia - "Subsídios para a História das Feiras Medievais Portuguesas" - Lisboa, 1943.
- RIBEIRO, Orlando - "Estudo de Geografia da População em Portugal" (em colaboração com Norberto Cardigos). Lisboa, 1946.
- Idem - "Inquérito de Geografia Regional". 2^a edição, Lisboa, 1947.
- Idem - "Portugal" in "Geografía de España y Portugal". Tomo V. Barcelona, 1955.
- Idem - "Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico" - Lisboa, 1963.
- RODRIGUES, F. M. de Carvalho - "A Exploração de Gado Leiteiro no Concelho de Mafra" - Lisboa, 1954.

VALDEZ, J.J. Ascensão - "Algumas Notícias para a Descrição Histórica dos Lugares de Alcaíça, Malveira e Carrasqueira" - Lisboa, 1897.

VALE, J. Miranda - "O Comércio dos Gados" in "Revista da Economia" - Lisboa, Junho de 1950.

VASCONCELOS, J. Leite de - "Etnografia Portuguesa", Vol.II. Lisboa, 1941.

ZBYSZEWSKI, G e F. Moutinho - "Carta Geológica dos arredores de Lisboa. Escala 1:50.000. Notícia explicativa. Folha 1, Sintra". Serviços Geológicos de Portugal - Lisboa, 1961.

Dicionário de Francisco Torrinha.

Dicionário de Morais e Castro.

III - Arrolamentos, Boletins, Censos e Mapas

Arrolamento Geral de Gados e Animais de Capoeira dos anos de 1870, 1925, 1934, 1940 e 1955.

Boletins do Cadastro da Freguesia da Malveira. Instituto Geográfico e Cadastral. Secções A, B, C, D, E, F, G e H. 1929 a 1931.

Sensos da População de Portugal dos anos de 1864, 1878, 1890, 1900, 1911, 1920, 1930, 1940 e 1950.

Carta Geológica de Portugal - Serviços Geológicos. Escala 1:50.000.

Carta Militar de Portugal - Serviços Cartográficos do Exército. Escala 1: 25.000, nº. 388, 402 e 403.

Mapas Topográficos: Malveira-Venda do Pinheiro. Nº. 2B e 3B - Câmara Municipal de Mafra. (Levantamento Aerofotogramétrico). Escala 1:1.000. 1965.

Plantas do Reconhecimento Cadastral. Concelho de Mafra. Freguesia
da Malveira - Instituto Geográfico Cadastral. Secções
C, D, e E. Escala 1:2.500.

ÍNDICE

	Pág.
DEDICATÓRIA	I
PREFÁCIO	II
CAPÍTULO I	
- SITUAÇÃO	1
CAPÍTULO II	
- EVOLUÇÃO HISTÓRICA	5
CAPÍTULO III	
- A POPULAÇÃO	
1) Evolução	12
2) Hábitos da população	17
3) Povoamento	25
4) A casa	28
CAPÍTULO IV	
- ECONOMIA RURAL	
1) Aproveitamento do solo	33
A) Matos e arvoredos	34
B) A agricultura	37
C) Regime da propriedade e formas de exploração da terra.	41
2) A produção agrícola	
A) Os cereais	43
B) Os produtos hortícolas	47
C) As forragens e os pastos	50

	Pág.
3) A criação de gado	51
A) Gado grosso	
a) Gado bovino leiteiro	54
b) Gado de trabalho	58
B) Gado múdo	60
4) Comercialização dos produtos	62
5) A feira semanal	
A) Origem e desenvolvimento	66
B) A feira	
a) Generalidades	71
b) Um dia de feira	79
C) Analogias entre a feira e a povoação	82
D) O movimento da feira e o calendário agrícola ...	85
6) Indústrias locais	92

CAPÍTULO V

- CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
--	----

BIBLIOGRAFIA	101
--------------------	-----

FOTOGRAFIAS



Fot.1 - Vista panorâmica da povoação sede da freguesia da Malveira



Fot. 2 - Ruínas de um antigo "casal": provávelmente o da Costa.
No vale, a parte mais moderna da povoação e ao fundo,
os moinhos ponteando a Serra da Malveira.



Fot. 3 - Vista geral da povoação da Abrunheira.



Fot. 4 - Antiga estrada do tempo de D. João V.



Fot. 5 - Casa rural da Estremadura Portuguesa.



Fot. 6 - Uma das principais artérias da Malveira:
Rua Doutor Oliveira Salazar.



Fot. 7 - As povoações sobressaiem no meio da mancha retalhada dos campos - pequenas leiras extremadas por muros ou renques de oliveiras - no cimo da serra, o pastor profissional a companhia o gado.



Fot. 8 Pequena horta familiar com o poço e a picota.



Fot. 9 - No vale a "horta", na encosta as "terras de sementeira", ao fundo as "serras" e no meio deste ambiente campestre o "Pousal" - modernas instalações da casa de repouso da União das Juntas de Freguesia da Estremadura.



Fot. 10 - Um "cercado" construído no cimo dos montes e uma vaca pastando tranquilamente.



Fot. 11 - Tanque construído no meio dos matos, onde os animais vão matar a sede.



Fot. 12 - Vacas pastando nos campos não semeados, sob o olhar atento da casaleira.



Fot. 13 - Largo do Campo da Feira: Casa dos Canas e o Chafariz antigo.



Fot. 14 - Um dia de feira.



Fot. 15 - O "saloio" de barrete e saco ao ombro, troca impressões com um amigo que encontra na feira.



Fot. 16 - A feira de gado bovino.



Fot. 17 - Recinto de venda dos produtos da terra.



Fot. 18 - A feira de gado lanífero.



Fot. 19 - O camponês satisfeito espera comprador para o seu gado, enquanto outros discutem os "preços".



Fot.20 - Regatões, rimas de ovos e grades com criação num dia de feira.



Fot.21 - Tendas de comes e bebes: espalhados pelo chão fogareiros e panelas onde se preparam os mais saborosos pitéus.